



HISTÓRIA INDÍGENA



Apresentação

“História Indígena” é a primeira cartilha da disciplina de História destinada às escolas da floresta, dentro do Projeto de Educação “Uma Experiência de Autoria”, que a Comissão Pró-Índio do Acre desenvolve desde 1983. Os textos foram produzidos pelos professores índios do Acre e do Sul do Amazonas durante os XIV, XV e XVI Cursos de Formação, ocorridos nos anos de 1995 e 1996, bem como em trabalhos de pesquisa desenvolvidos em suas aldeias.

Neste material, os professores procuram refletir sobre o próprio conceito de história, os processos de pesquisa e de construção do conhecimento histórico, sua importância para as atuais e vindouras gerações, a escrita da história antes zelada oralmente e as formas possíveis de se trabalhar com a disciplina de história na sala de aula. Dialogam com algumas das principais teorias através das quais é usualmente explicado o povoamento das Américas, da Amazônia e do Brasil, reinterpretando-as de acordo com suas narrativas míticas. Buscam, ainda, relatar processos históricos vividos pelos povos indígenas do Acre e do Sul do Amazonas em diferentes tempos de sua inserção no mundo dos seringais e refletir sobre as transformações ocorridas em suas culturas e formas de organização políticas, sociais e econômicas.

A “História Indígena” vem somar-se a outros materiais produzidos pelos professores indígenas nas disciplinas de geografia e língua portuguesa, a partir dos quais vem gradualmente se definindo o conteúdo curricular da disciplina de história, tanto nos cursos de formação dos professores índios como nos trabalhos levados a cabo nas escolas da floresta. É o início de um caminho longo de pesquisa e construção pedagógica que resulta do desejo dos povos indígenas desta região amazônica de reinterpretar sua própria história, contribuindo para valorizar e fortalecer sua identidade, pensar o tempo presente e melhor planejar seu futuro. Desta forma, acreditam, estarão ajudando a construir uma nova História do Acre, da Amazônia, do Brasil e do mundo.

Os Organizadores





ÍNDICE

I- O QUE É HISTÓRIA?

História é Isso.....	4
História é Passado, História é Presente.....	4
Um Tempo que Queremos Ver Chegar.....	4
Atividades.....	5

II- A HISTÓRIA INDÍGENA

A Importância da História Indígena: De Pai para Filho.....	6
Aprender Com O Passado, Entender O Presente, Pensar O Futuro.....	7
História De Longe, Notícia Boa.....	7
Atividades.....	7

III- A PESQUISA DA HISTÓRIA

As Fontes Da História.....	9
Nosso Velho É O Nosso Livro De História.....	9
A História No Papel.....	11
Atividades.....	12

IV - A HISTÓRIA DAS ORIGENS

Uma História Muito Antiga.....	13
A Chegada do Homem na América.....	13
E o Jacaré Serviu de Ponte.....	15
Atividades.....	16
Primeiros Povoamentos da América do Sul, Brasil e Região Amazônica.....	18
A Chegada Dos Portugueses.....	20
Atividades.....	20
Os Povos Indígenas e os Recursos Naturais do Planeta Terra.....	24
Costumes Antigos dos Índios do Acre.....	24
A Herança Indígena Está Viva.....	26
Atividades.....	27

V - HISTÓRIA DOS ÍNDIOS DO ACRE E SUDOESTE DA AMAZÔNIA

Os Tempos da História. Do começo do Mundo aos Dias de Hoje.....	28
O Tempo das Malocas	29
Nossa Maloca Tradicional.....	29
O Governo dos Índios no Tempo Tradicional.....	29
A Economia Tradicional dos Povos Indígenas.....	30
Atividades.....	32
História Manchineri Antes do Contato.....	33

Tempo das Malocas do Povo Apurinã.....	33
Atividades.....	34
O Tempo das Correrias	
A Chegada dos Caucheiros e dos Seringueiros.....	35
Correrias no Rio Tarauacá.....	35
Por que Nosso Povo Jaminawa Vive Todo Espalhado?	37
O Medo dos Índios e o Medo dos Brancos.....	37
Atividades.....	38
O Tempo do Cativoiro	
O Cativoiro do Índio Seringueiro.....	39
O Barracão do Patrão e o Governo dos Índios.....	41
Atividades.....	43
Os Primeiros Patrões dos Huni Kui.....	44
Fortaleza, Seringal Kaxinawá no Rio Jordão.....	45
O Sofrimento de um Velho Seringueiro Manchineri.....	45
Os Patrões do Rio Gregório.....	46
Atividades.....	46
O Tempo dos Direitos	
A Cooperativa dos Índios e o Barracão do Patrão.....	47
O Direito à Escola e à Saúde.....	49
Atividades.....	50
O Primeiro Direito à Terra.....	51
Nascimento da Terra Indígena da Praia do Carapanã.....	51
As Primeiras Lutas do Povo Kaxarari.....	53
Assim os Katukina Começamos a Lutar Pela Nossa Terra.....	53
Atividades.....	54
O Tempo da História Presente	
O Governo dos Índios no Tempo Presente.....	55
Situação das Terras Indígenas no Estado do Acre.....	56
Escola Indígenas do Acre e Sul do Amazonas.....	57
Nós Apurinã Estamos nos Organizando Assim.....	58
As Autoridades da Aldeia Nova Aliança.....	58
As Lideranças do Povo Kaxinawá do Rio Humaitá.....	58
As Eleições de 1996.....	59
Índios Eleitos.....	60
Atividades.....	61

VI - HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A História na Escola e na Aldeia.....	62
A Comunidade e a História.....	62
A História na Sala de Aula.....	63
As Pesquisas do Professor e dos Alunos.....	63
Atividades.....	64



I - O QUE É HISTÓRIA

A História é isso

História é uma lembrança do tempo passado, de como os povos viviam, o que acontecia em diferentes épocas. Serve para pensar muitas vezes e verificar também o que está acontecendo no tempo em que vivemos hoje, quais as diferenças de antes, se tem alguma mudança ou não.

A história é isso: lembrar o tempo passado e, hoje, pensar como é que a gente está vivendo no tempo presente.

É também imaginar o tempo futuro, o que é que vai acontecer.

Jaime Lullu Manchineri

História é Passado, História é Presente

A história vem de um tempo longo, médio, recente. De ontem, hoje e amanhã.

História é passado, história é presente.

A história é como o mundo, porque não tem fim

É um caminho muito longo. Enquanto o tempo vai passando, mais história vamos construindo.

História é passado, história é presente.

A história não é só do ser humano. Também é dos encantados, dos animais, da floresta, dos rios e dos legumes

História está em todo lugar do mundo.

*Adalberto Domingos Maru Kaxinawá
Joaquim Paulo Maná Kaxinawá*

Um Tempo que Queremos Ver Chegar

A história é o que aconteceu e o que acontece com uma pessoa, com uma família ou com uma nação. É o estudo das brigas que existiram entre os diferentes governos de várias nações, as mudanças de governo, a discriminação entre as nações e as classes de pessoas.

A história estuda também as populações através do tempo e nos diferentes lugares onde viveram. Explica as permanências e mudanças no modo de viver, na política e na economia de um povo.

A história de antigamente e a história de hoje são importantes para se construir o futuro, para construir um tempo que queremos ver chegar.

*Geraldo Aiwá Apurinã
Fernando Luiz Kateyue Yawanawá*

ATIVIDADES

Leia os textos e converse em sala de aula sobre os assuntos com o professor, alunos e seus parentes. Depois responda no seu caderno:

- 1- O que é a História?
- 2- Por que a História está em todo lugar do mundo?
- 3- Por que a História não tem fim?
- 4- Para que serve o estudo da história?



Mulher Jaminawa da comunidade Arroyo - Peru - Desenho de Martine de Roeck - 1987

II - A HISTÓRIA INDÍGENA



A história indígena se divide em duas partes.

A primeira são os mitos, as histórias de antigamente. Cada povo explica de maneira diferente como foi que nasceu o mundo, os homens, o sol e a lua, os nomes das coisas, os bichos, os legumes, as festas, os remédios da mata, o cipó e todas as ciências.

A segunda parte explica o que aconteceu em diferentes momentos da vida de cada nação indígena: as mudanças na organização, no governo e na economia, os conflitos entre famílias, as guerras com outras nações.

Estuda o tempo em que nossos povos não tinham contato com os brancos. É a história de antigamente que conta como vivíamos nas malocas, como eram os nossos costumes, a nossa cultura tradicional: as festas, a medicina da mata, o artesanato, nossos vestuários e nosso governo.

Também estuda o tempo em que sofremos as primeiras correrias, o tempo em que trabalhamos para os patrões e o tempo em que asseguramos as nossas terras, conquistamos nossos direitos e passamos a viver libertos de novo.

*Edson Medeiros Ixã Kaxinawa
Isaac Pianko Asheninka
Geraldo Aiwa Apurinã
Fernando Luiz Kateyuve Yawanawá*



A Importância da História Indígena

De Pai para Filho

A história indígena é contada pelos velhos para os mais novos, de pai para filho, para não ser esquecida.

Agora, a história também pode ser escrita.

Antigamente, os índios não tinham escrita no papel. O nosso povo sempre conheceu as tradições através das histórias dos antigos.

Hoje já sabemos escrever em português e na nossa língua indígena.

É importante começar a pesquisar junto com nosso povo mais antigo para resgatar as histórias de antigamente e de hoje, deixar registradas no papel e fazer livros para a escola.

A cada tempo que passa são esquecidas muitas de nossas tradições e de nossa história. As pessoas mais antigas vão morrendo e, assim, vamos perdendo muitos conhecimentos.

São os mais novos, os filhos e os netos, que vão ficar com a responsabilidade do trabalho que estamos iniciando agora. Para que no futuro não se perca a história da vida e a cultura de nosso povo.

Quando morre um velho sabido é como se fosse queimada uma grande biblioteca da história de nosso povo:

*Edson Medeiros Ixã Kaxinawa
Isaac Pianko Asheninka*

Aprender com o Passado, Entender o Presente, pensar o Futuro

A história ajuda a entender o presente. Conhecendo nosso presente, podemos pensar no futuro. Para entender o presente, é importante aprender com as tradições e com a história de tudo que nosso povo passou. Desde o começo do mundo até os dias de hoje.

Está chegando o tempo da gente aprender com os poucos velhos que ainda estão vivos para poder repassar aos nossos filhos e netos, para eles não esquecer das nossas tradições.

Por isso é importante estudar, pesquisar e registrar o que se passou com nossos povos.

*Miguel Alves Costa Ruwê Kaxarari
Manoel Sabóia Ame Kaxinawá*



História de Longe, Notícia Boa

É bom o mais velho contar a história para os mais novos. É importante que os mais novos aprendam a história dos mais velhos. O velho conta as histórias que ele alcançou, a história dos pais dele. Ele conta a história para os mais novos também aprenderem a contar a história direito. A história é importante para que os conhecimentos dos mais velhos, sobre a nossa tradição e nossa cultura, cheguem até os dias de hoje.

Pela história, a gente sabe da história de longe. Notícia boa.

Evaldo Carlos Mainawa Katukina

ATIVIDADES

Para responder no caderno:

- 1- Como pode ser dividida a história indígena na opinião dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas?
- 2- Qual é a importância do estudo da história para os povos indígenas?
- 3- Por que um "velho sabido" pode ser comparado a "uma grande biblioteca"?
- 4- Escreva e desenhe para o Jornal Yuimaki uma "história de longe, notícia boa" acontecida com a sua família.



No Tempo que os Índios não Usavam Armas de Fogo



Francisco de Jesús Leonor Prado Dasu Kaxinawa

III - A PESQUISA DA HISTÓRIA



As Fontes da História

Que fontes podemos usar para estudar e registrar a história de nosso povo indígena?

A tradição oral é o conhecimento dos mais velhos: histórias de antigamente e as notícias que vêm de outros tempos sobre acontecimentos importantes. Essa história passada faz parte dos documentos que os velhos trazem gravados na memória.

Podemos também pesquisar a história passada pelos sinais deixados pelos povos antigos nos lugares e nas aldeias onde moraram de primeiro. Tem provas destes locais de moradia nas capoeiras antigas e em lugares onde os velhos plantavam pupunha. Nesses locais, podemos encontrar pedaços de camburão de barro, machados de pedra, pão de índio e manchas de terra preta.

Hoje, já aprendemos a ler e escrever. Podemos usar a escrita e a leitura para aprender sobre a história do nosso povo, pesquisando em vários tipos de documentos: livros, jornais antigos, relatos de viajantes, cartas, relatórios, diários de classes, cartilhas, desenhos, mapas e fotos.

A história oral, os sinais e os documentos são fontes para fazer a nossa história escrita.

Joaquim Paulo Maná Kaxinawá

Nosso Velho é Nosso Livro de História

Na aldeia, nosso livro de história é o velho. Ele nos ensina a história que o pai dele ensinou.

Hoje, o trabalho de pesquisa na aldeia deve ser feito com os mais velhos para aprender as histórias de antigamente e os acontecimentos que viram na sua vida.

É muito importante aprender e estudar a história fazendo pesquisa com nossos parentes índios: os velhos e as velhas, as lideranças e outras pessoas mais sabidas.

Os professores e os pais de família têm que pesquisar com os mais velhos da aldeia. Temos que prestar muita atenção. Assim, vamos poder ensinar os nossos filhos e os nossos alunos, para dar continuação à nossa história, para não esquecer as cantigas, as rezas, os mitos, os remédios da mata, o artesanato, as festas.

Depois, vamos continuar fazendo nossos próprios livros de História, para os alunos aprenderem e para o resto do mundo também ficar conhecendo a nossa luta.

*Francisco Xavier Xima Jamináwa
Antonio Geronimo Ksajiru Manchineri*





Sinais que podem ser encontrados numa aldeia antiga



Nosso Velho Nosso Livro de História

Capoeira



Isaac Pianko Ashaninka

A História no Papel

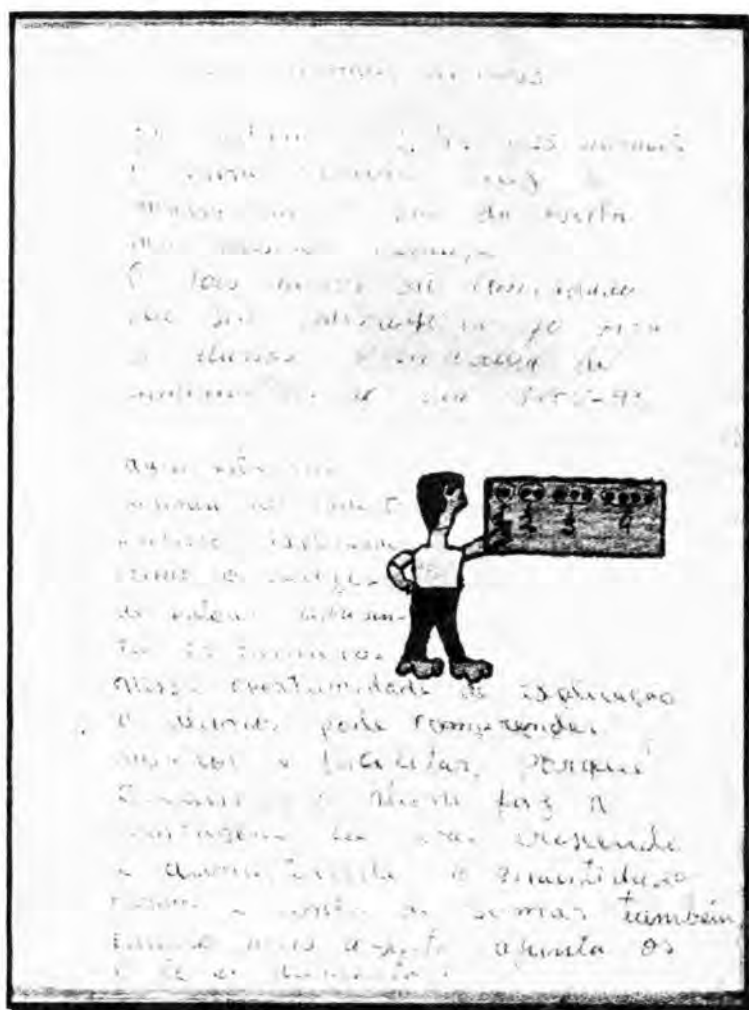
No mundo dos brancos, quase todas as ciências estão registradas por escrito em diferentes pesquisas que já foram feitas. A história foi registrada em livros por pesquisadores, professores e historiadores. Ela vem sendo ensinada nas escolas e passada de geração em geração.

Cada historiador escreve as histórias que são importantes para seu povo. Na história do Brasil que a gente lê nos livros, os índios não são registrados exatamente como eles são, na sua convivência natural.

A história que a gente vê escrita só registra os acontecimentos do povo dos historiadores, dos brancos, para dizer que são os poderosos. Por isso, é muito importante que os próprios índios continuem a pesquisar e a escrever sobre a história de seus povos.

Assim, as comunidade indígenas também estão ficando na História do Acre e do Brasil.

*Isaac Pianko Asheninka
Joaquim Paulo Maná Kaxinawá*



Diário de classe do professor Fernando Luiz Yawanawá

ATIVIDADES

Para responder no caderno:

- 1- De que maneira os índios tem sido registrados na História do Brasil?
- 2- Quais "fontes" podemos usar para conhecer a história de um povo ou de um país?
- 3- Explique como é que os povos indígenas transmitem seus conhecimentos sem usar a escrita?
- 4 - Na sua aldeia, que pessoas podem ajudar a fazer a pesquisa da história indígena?
- 5- Seus parentes estão interessados em pesquisar a história através dos velhos? Por que?
- 6- Você tem conhecimento de vestígios encontrados na sua terra indígena que sejam de aldeias antigas? Faça uma lista destes vestígios e desenhe.
- 7- Por que são importantes os sinais de aldeias antigas encontrados em Terras Indígenas?
- 8- Para o estudo da história qual é a importância dos vestígios deixados pelos povos antigos?
- 9-Ligue as colunas, pensando o que permaneceu e o que mudou na vida dos povos indígenas.

Antigamente

kupixawa

arco e flecha

pau de fogo

pote de barro

machado de pedra

agulha de osso

Hoje

fósforo

casa

espingarda

agulha de metal

panela de alumínio

machado de ferro

- 11- Desenhe os objetos tradicionais de cozinha, de caçada e de pescaria que seu povo ainda faz.

Cozinha

Caçada

Pescaria

IV- A História das Origens

Uma História Muito Antiga

Durante as aulas de História (Miyui), conhecemos algumas explicações e teorias de como os brancos entendem o surgimento do mundo, do homem, dos diferentes povos e da natureza. Essas idéias foram registradas em livros por pesquisadores, historiadores e arqueólogos. História do Huni Kuĩ do continente americano, Mexunawá do continente africano, Hushunawá da Europa, e de outros povos da Ásia e Oceania. Todos os povos do mundo têm sua história.

As ciências do branco explicam a origem do mundo, do homem, há quanto tempo que os povos de outros lugares chegaram aqui na América, ou se espalharam por todos os continentes, em que tempo começaram a chegar na Amazônia e no Acre.

Cada povo indígena também tem suas histórias de antigamente, que explicam o começo do mundo, a geração da lua, dos animais encantados, dos outros povos, da floresta, das plantas, dos bichos, dos remédios, dos nossos costumes tradicionais. Sabe também onde morava de primeiro e para onde foi se mudando.

Noberto Sales Tene Kaxinawá

A Chegada do Homem na América

Durante as aulas de História, vimos que, no começo, a terra já existia e era só um mundo, todo ligado. Depois chegou um tempo muito forte, de muita friagem, que matou muitos seres vivos e mudou a terra, os bichos e as plantas. A Terra dividiu-se em 5 partes, que são os continentes.

Vimos também que em pesquisas e escavações realizadas na África foram encontrados os vestígios mais antigos do homem.

Fala-se que as primeiras populações surgiram no continente africano. Esses homens matavam caças grandes, alimentavam-se com frutos da mata e outras batatas do mato. Ainda não faziam roçados. Lutavam para ter o fogo.

Com o passar de muito tempo, o homem antigo foi entendendo mais sobre a natureza e foi desenvolvendo seus conhecimentos, o jeito de fazer suas armas, suas casas, seus artesanatos e suas tintas.

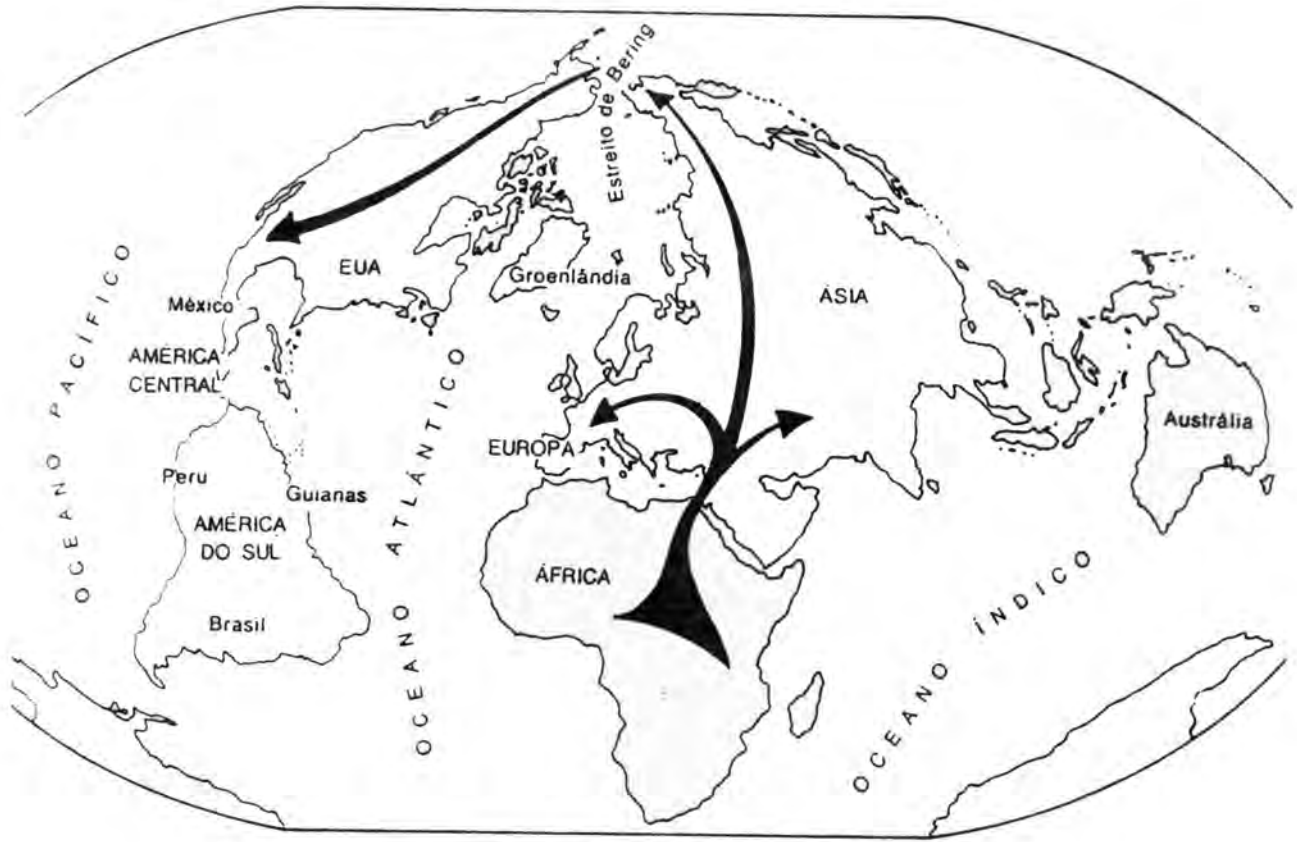
O homem antigo começou a andar pelo mundo, procurando novos alimentos e climas melhores para viver. Espalhou-se para outros lugares, por vários caminhos, para outros continentes. Nesses novos locais foi criando novos costumes.

As populações que chegaram às Américas não vieram por um só caminho. Algumas saíram da Ásia e atravessaram o Estreito de Bering, andando por cima do gelo. Espalharam-se pela América do Norte, América Central, América do Sul. Depois foram caminhando com grande dificuldade, atravessando grandes florestas e chegando pelos rios. Por isso, as pessoas da Ásia são parecidas com os índios das Américas.

O continente americano foi ocupado há milhares de anos. É falso quando falam que o Brasil foi descoberto pelos portugueses em 1.500. Antes dos portugueses chegarem, os índios eram donos de suas terras tradicionais. Eram muitas etnias que viviam em liberdade em lugares diferentes, com suas próprias formas de organização.

Raimundo Norato Kaxinawá

O Povoamento do Mundo



E O Jacaré Serviu De Ponte

Estudando a história dos primeiros povos do mundo, que nasceram na África e chegaram ao norte da América atravessando o Estreito de Bering, dá para lembrar a história de antigamente do nosso povo Kaxinawá sobre "O jacaré que serviu de ponte".

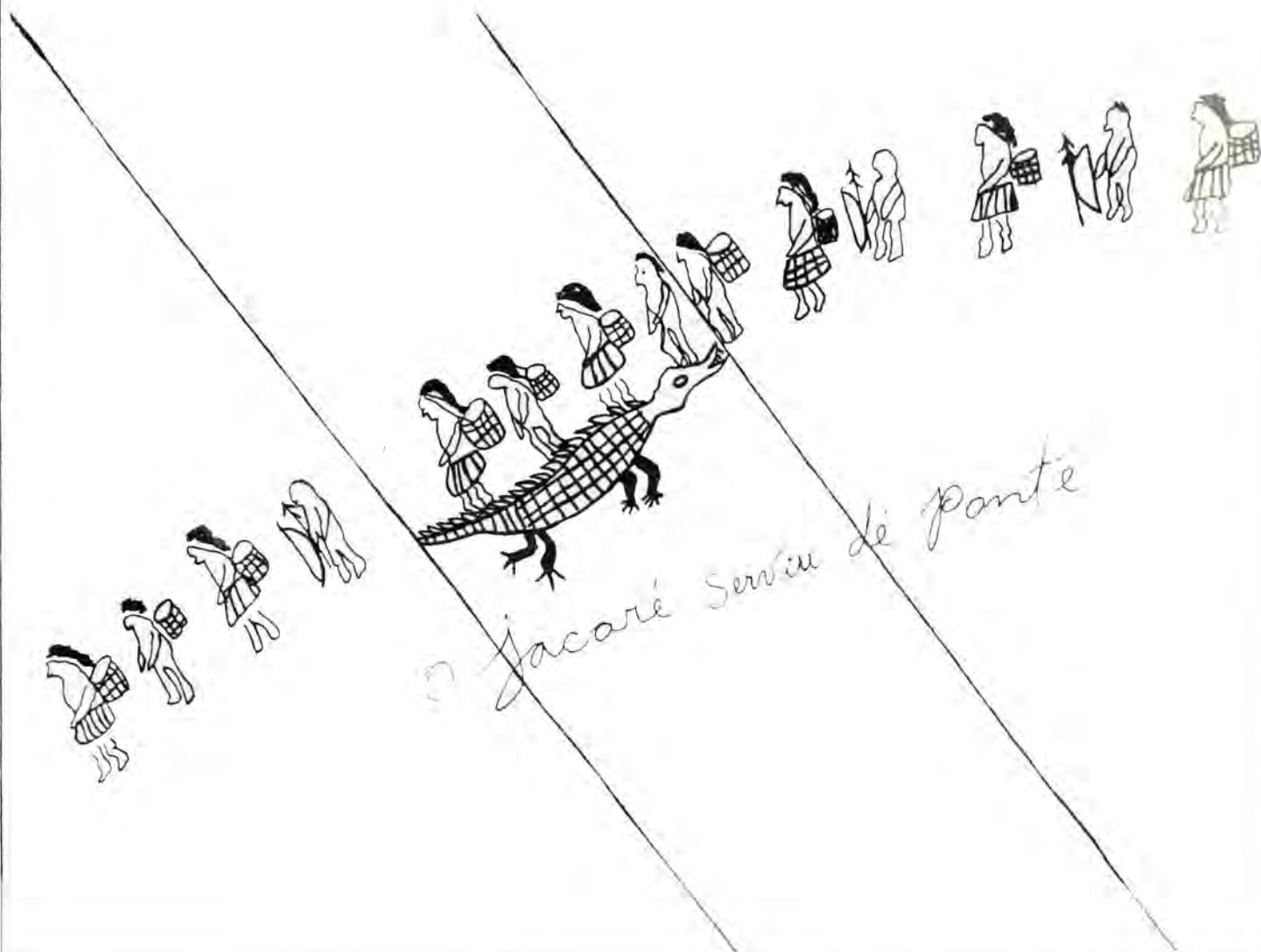
Esta história do jacaré encantado conta que, de primeiro, os homens moravam todos numa só aldeia. Depois de muito tempo, alguns povos começaram a se espalhar para outras terras, procurando presas de macacos, colares de miçanga e tintas para pintar o corpo. Quando chegaram na beira de um igarapé bem largo, encontraram um jacaré que se ofereceu para servir de ponte. Eles pediram licença para atravessar nas suas costas para o norte do continente americano. O jacaré aceitou atravessar a todos. Somente queria carne para se alimentar. Disse que só não aceitava comer carne de animais de sua família. Poucas pessoas passaram.

Outros povos mais apressados mataram um jacaré e deram para ele como forma de pagamento pela travessia. O jacaré ficou com muita raiva e afundou para sempre.

Por isso, os povos passaram a viver apartados em diferentes lugares da Terra. Os que passaram para o outro lado são os povos dos dentes de macaco e dos produtos da natureza. Os que não passaram são os povos das miçangas, os grupos maiores.

Fazendo comparação da história dos historiadores brancos com o nosso mito Kaxinawá, o Estreito de Bering parece com o jacaré que serviu de ponte. Depois que o jacaré afundou, nós passamos a viver apartados dos nossos parentes da Ásia. Os povos que conseguiram passar são os índios das Américas

Edson Medeiros Ixã Kaxinawa



ATIVIDADES

Para responder no caderno:

- 1- Será que todos os povos surgiram no mesmo lugar? Por que?
- 2- Para os Kaxinawá, a história do jacaré que serviu de ponte explica a separação dos diferentes povos. Por que o professor Ixã faz a comparação do Estreito de Bering com o jacaré?

Para pesquisar nos livros:

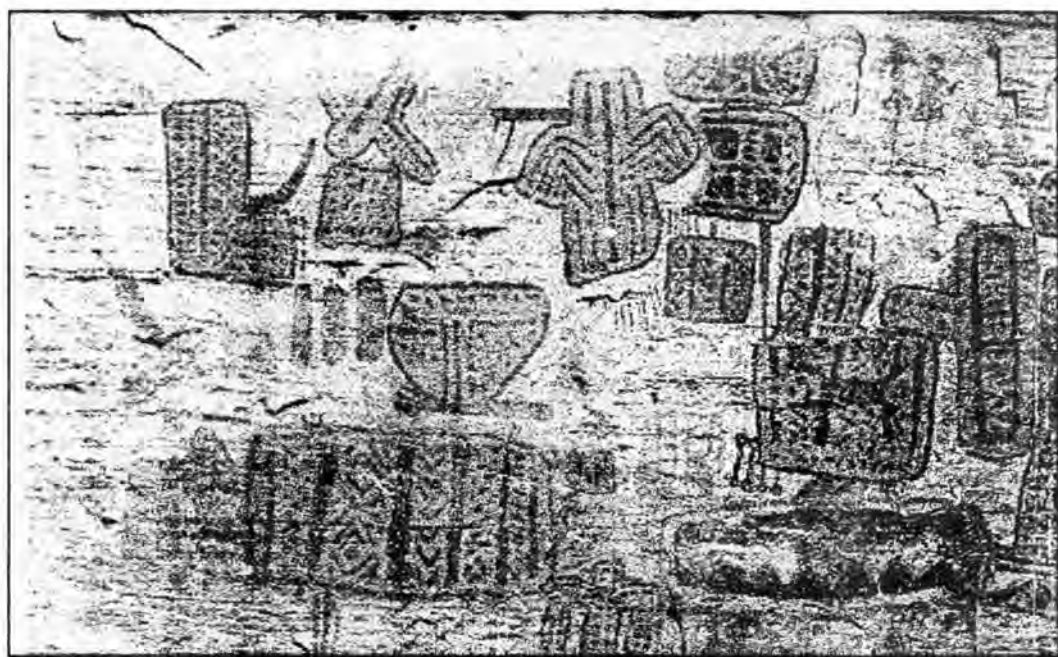
- 1 - A história do branco conta que antigamente o mundo era um só e depois se dividiu em 5 partes, que chamamos continentes. Quais são os nomes destes continentes?

Para pesquisar com os parentes

- 2- Escreva no seu caderno uma história de antigamente que conte a origem do mundo, de seu povo, dos bichos. Desenhe também.

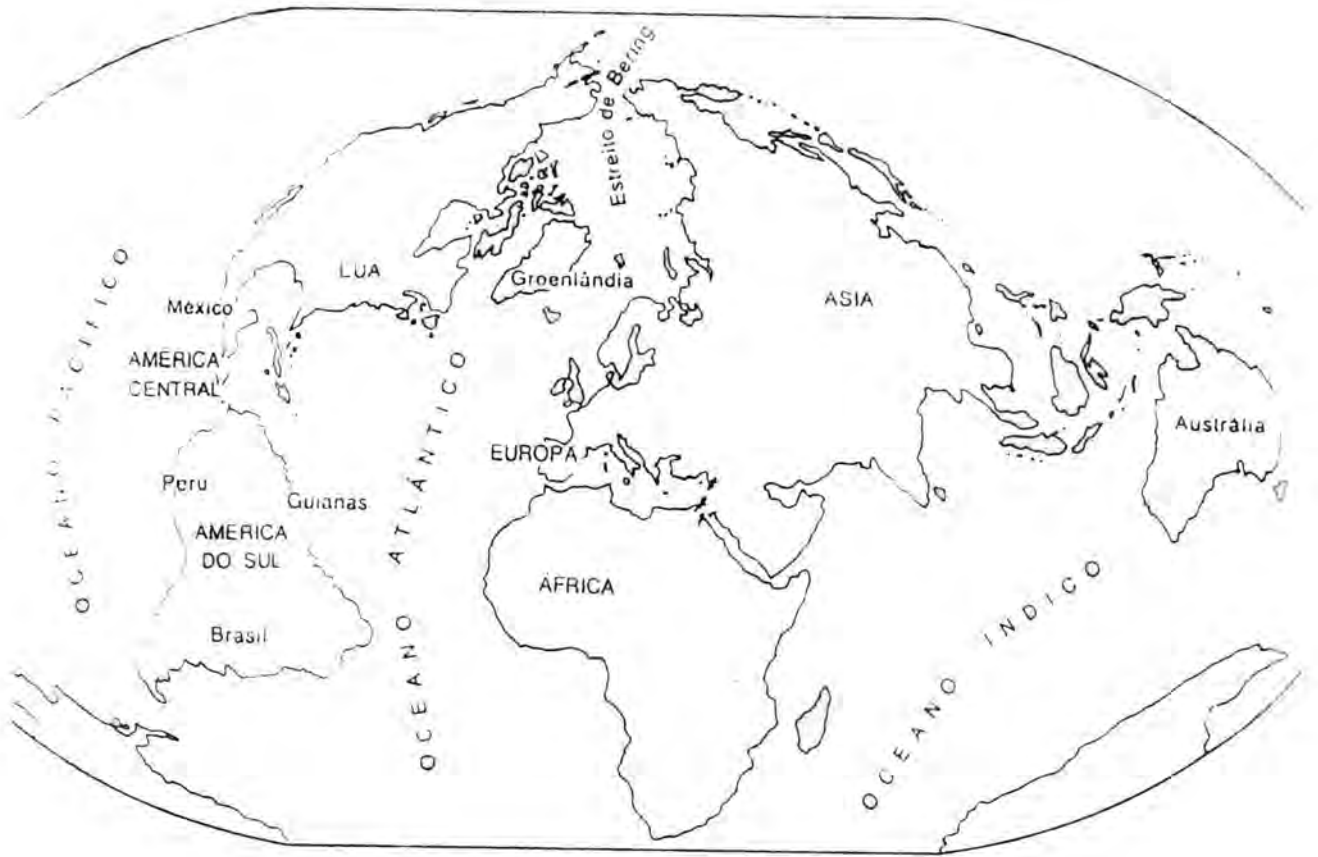
Leia o texto "A Chegada do Homem Na América" e faça as seguintes atividades:

- 1- Pinte o continente onde surgiram as primeiras populações, de acordo com os estudos feitos por pesquisadores.
- 2- Desenhe nesse mesmo mapa os vários caminhos por onde estas primeiras populações teriam sido espalhado pelo mundo todo.



Pinturas de povos antigos - Vale do Peruaçu - Minas Gerais

O Povoamento do Mundo



Leia o texto "A Chegada do Homem Na América" e faça as seguintes atividades:

Pinte o continente onde surgiram as primeiras populações, de acordo com os estudos feitos por pesquisadores.

Desenhe nesse mesmo mapa os vários caminhos por onde estas primeiras populações teriam sido espalhado pelo mundo todo.

Primeiros Povoamentos da América do Sul, Brasil e Região Amazônica

Depois de atravessar o Estreito de Bering e caminhar por toda a América do Norte e a América Central, alguns povos conseguiram chegar até a América do Sul.

Até o momento, os vestígios mais antigos destes povos na América do Sul foram encontrados em países chamados Equador e Colômbia.

Outros povos desceram e foram devagarzinho ocupando as terras que depois passaram a ser o Brasil. Alguns povos ficaram próximos ao mar; outros ficaram morando em cavernas no interior. Comiam frutos do mar e da mata, caçavam animais pequenos e grandes. Alguns já plantavam macaxeira, milho e comiam raízes e outras batatas. Faziam adornos de ossos, pedras e conchas. Enterravam seus mortos em potes de cerâmica. Faziam desenhos nas paredes de pedra. Eram desenhos de animais, do sol, da lua, das estrelas, do fogo. Pintavam com tintas tiradas da própria natureza, de cores vermelha, amarelo, branco e preto.

No Brasil, os vestígios mais antigos foram encontrados em São Raimundo Nonato (Piauí) e em Lagoa Santa (Minas Gerais). Nestes lugares foram encontrados locais antigos de moradia, com vestígios de ossos humanos, artefatos de pedras e pinturas em pedras.

As primeiras ferramentas eram feitas de pedra, de osso e de madeira. Os materiais que eram feitos de madeira, de palha e de algodão não são encontrados no solo onde há marcas de aldeias antigas. O tempo comeu tudo. Somente os vestígios de pedra e cerâmica ficaram. Nos dias de hoje esses vestígios ainda estão sendo encontrados e pesquisados por arqueólogos.

Pesquisadores afirmam que, para chegar na Amazônia, esses povos antigos saíram da Venezuela, passaram pelas Guianas até chegar no rio Amazonas. Depois se espalharam por outros afluentes e foram entrando pela Amazônia.

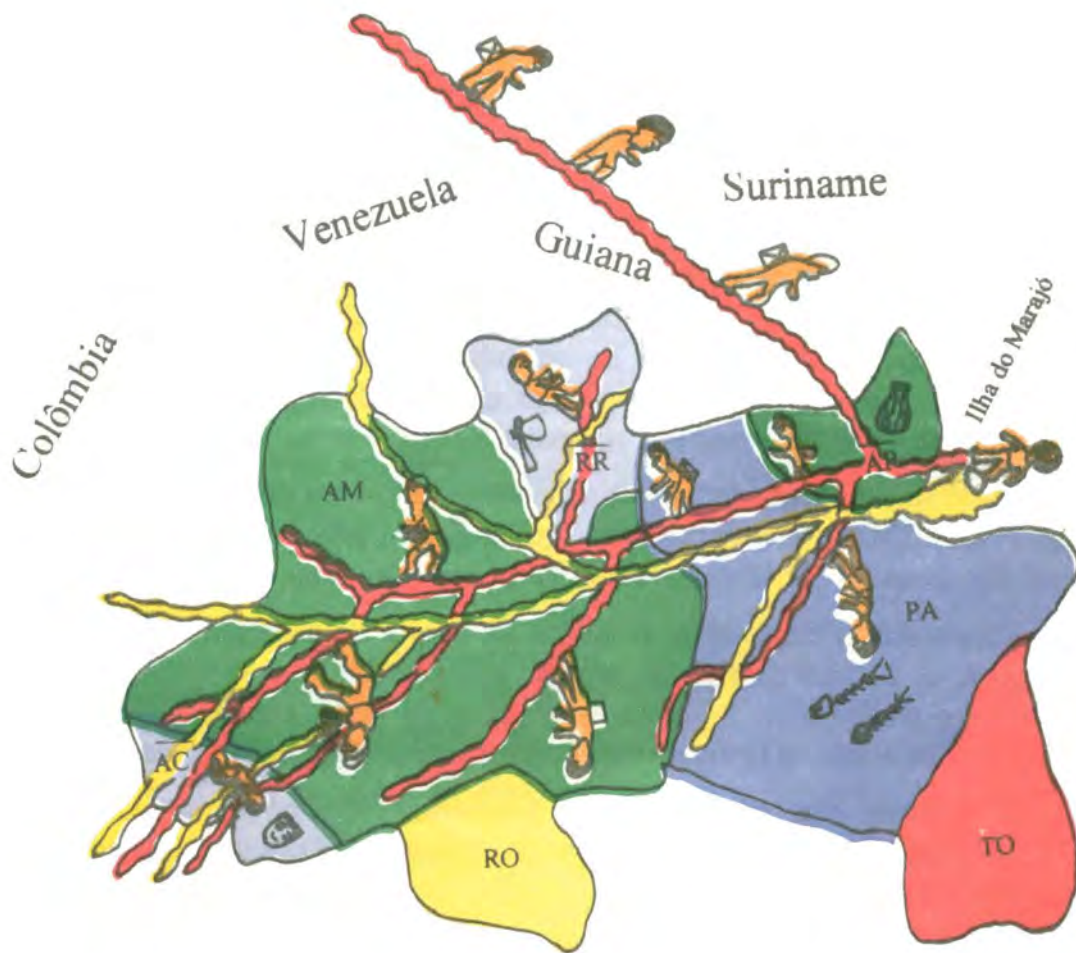
Nos estados da Amazônia foram encontrados muitos vestígios. No Pará, na Ilha do Marajó, estão os vestígios mais antigos da região: restos de comida, peixes e animais pequenos. No Amapá foram achados artefatos de pedra e potes grandes de cerâmica, onde eram enterrados os mortos. Em Roraima foram encontrados machados de pedras, além de desenhos e pinturas nas rochas. No Acre têm machados de pedra e pedaços de cerâmica, pratos e potes, com desenhos e caras de gente. Sabe-se também da localização antiga de várias aldeias, que tinham formas de círculos.

Hoje, no Acre, existem vestígios e materiais concretos nas Terras Indígenas do Purús, Jordão, Amônia, Iaco, Água Preta, Colônia 27 e Rio Murú, como prova de aldeias antigas.

*Raimundo Nonato Kaxinawá
Manoel Sabóia Ane Kaxinawá*



Povoamento da Região Amazônica



Legenda

	Caminho
	Rio
	Primeiros Índios
AC	Acre
RO	Rondônia
AM	Amazonas
PA	Pará
AP	Amapá
RR	Roraima
TO	Tocantins

A Chegada dos Portugueses

Dizem os livros que o descobrimento do Brasil começou com a chegada dos portugueses em 1500. Dizem também que, neste tempo, havia cerca de 5 milhões de índios morando aqui nessas terras. Por causa de sua grande ambição por riquezas, os portugueses foram tomando os territórios tradicionais indígenas. Eles fizeram correrias e mataram muitos índios. Trouxeram muitas doenças desconhecidas

Desse tempo para cá, houve mudanças no mundo todo, no Brasil e no Acre. Para alguns povos indígenas essas mudanças foram boas. Mas, para muitos custou a própria vida.

Os povos indígenas fazem parte da história do Brasil. Para quem lembra a verdade do passado, os índios já estavam aqui neste território antes de 1500. Hoje, muitos povos estão lutando para conseguir o direito de morar na terra que já foi deles.

Os livros dizem que o cariú é o povo brasileiro. Mas, antigamente, os índios não conheciam o povo brasileiro. É, por isso que se torna importante a gente recuperar a nossa história indígena, antes do contato com os cariús e depois que começamos a viver misturados no meio deles.

Jaime Llullu Manchineri

ATIVIDADES

1- Pesquise com seus parentes uma história que conte a chegada dos primeiros povos nas florestas do Acre e sul do Amazonas.

Para desenhar e colorir:

1- De acordo com o texto "Primeiros Povoamentos da América do Sul, Brasil e Região Amazônica, desenhe os caminhos por onde passaram os povos antigos para chegar na Amazônia.

2- Vamos colorir no mapa da Amazônia os 4 estados onde foram encontrados importantes vestígios das primeiras ocupações.

3- Identifique no mapa, com desenhos, os estados brasileiros onde foram encontrados até o momento os vestígios mais antigos de populações.

4- Conforme está contado no texto, desenhe e cora no mapa as Terras Indígenas do Acre onde são encontradas provas de aldeias antigas.

5- Desenhe como eram as casas, as primeiras ferramentas e os roçados dos povos antigos.

Casas

Ferramentas

Roçados

Povoamento do Brasil



Atividades

Identifique no mapa, com desenhos, os estados brasileiros onde foram encontrados até o momento os vestígios mais antigos de populações.

Povoamento da Região Amazônica



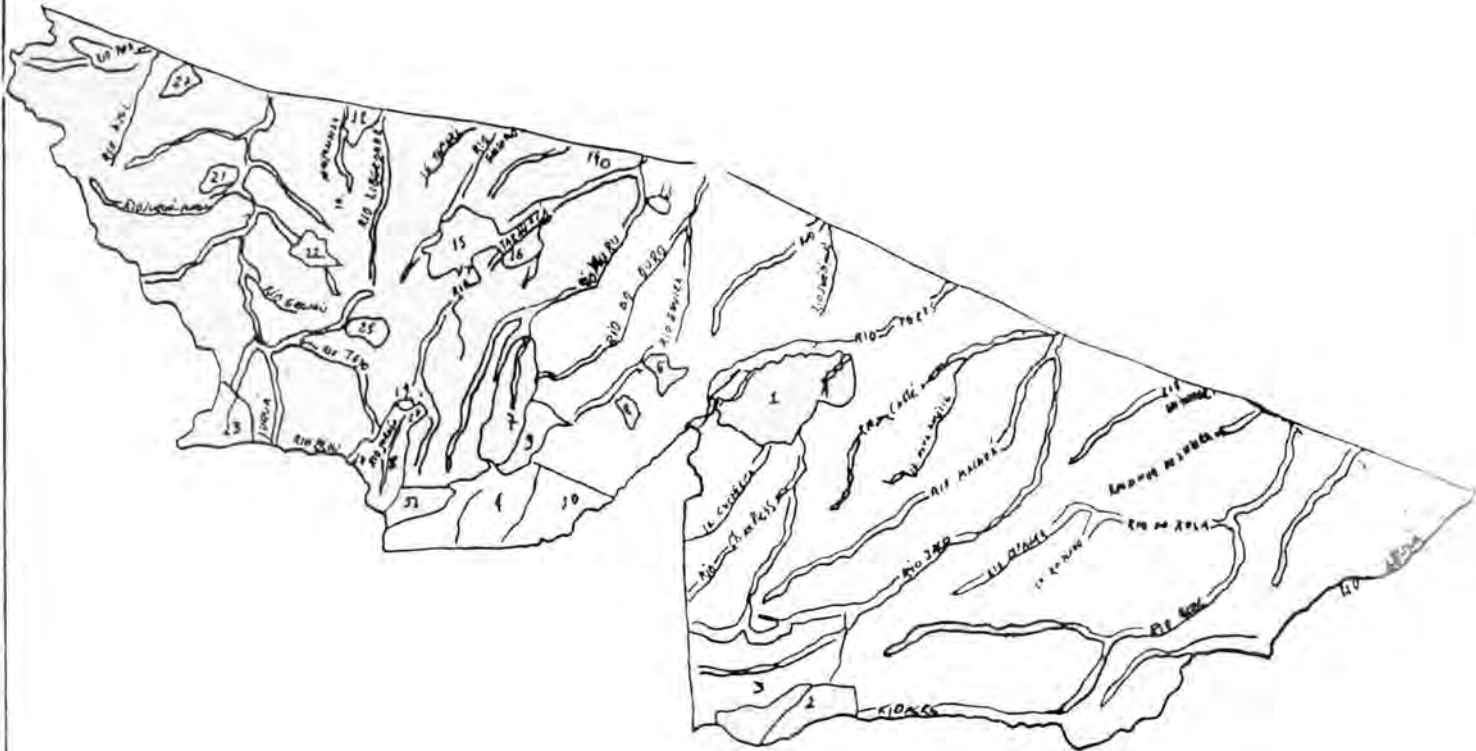
Complete a Legenda

- AC Acre
- RO
- AM
- PA
- TO
- RR
- AP

- De acordo com o texto "Primeiros Povoamentos da América do Sul, Brasil e Região Amazônica, desenhe os caminhos por onde passaram os povos antigos para chegar na Amazônia.

- Vamos colorir no mapa da Amazônia os 4 estados onde foram encontrados importantes vestígios das primeiras ocupações.

Terras Indígenas do Acre



LEGENDA

- 1 - Alto Rio Purus
- 2 - Cabeceira do Rio Acre
- 3 - Mamoadate
- 4 - Kampa do Rio Envira
- 5 - Katukina/Kaxinawa
- 6 - Kaxinawa de Nova Olinda
- 7 - Kaxinawa do Rio Humaitá
- 8 - Kulina do Igarapé do Pau
- 9 - Kulina do Rio Envira
- 10 - Xinane
- 11 - Alto Tarauaca
- 12 - Campinas
- 13 - Igarapé do Caucho
- 14 - Colônia 27
- 15 - Rio Gregório
- 16 - Kaxinawa da Praia do Carapana
- 17 - Kampa do Igarapé Primavera
- 18 - Kaxinawa do Rio Jordão
- 19 - Kaxinawa do Baixo Rio Jordão
- 20 - Kaxinawa do Seringal Independência
- 21 - Jaminawa do Igarapé Preto
- 22 - Arara do Igarapé Humaitá
- 23 - Kampa do Rio Amônia
- 24 - Kaxinawa/Ashaninka do Rio Breu
- 25 - Jaminawa-Arara
- 26 - Nukini
- 27 - Poyanawa

- Conforme está contado no texto, desenhe e cora no mapa as Terras Indígenas do Acre onde foram encontradas provas de aldeias antigas.

Os Povos Indígenas e os Recursos Naturais do Planeta Terra

Durante sua permanência no planeta terra, os povos indígenas sempre foram mudando de um local para outro, usando os recursos naturais para sua sobrevivência. Destes recursos tiram a alimentação, as plantas medicinais, materiais para construir suas moradias e transportes fluviais. Na alimentação, têm os legumes, caça, pesca e coleta de frutas. Das medicinas, várias plantas medicinais, o óleo de copaíba, o urucu, côco de palmeira e mel de abelha. Nas construções de casas, utilizam diversos paus, palheiras, cipós. Para transporte, as ubás e balsas. Cocho e pilão para pilar os grãos. A terra para fazer o vaso, panela, pote e tação.

Machado de pedra e terçado de pupunha são exemplos de ferramentas que não se usam mais. O fogo era técnica própria transformada de um pedaço de pau de urucu.

Muitos destes recursos ainda usamos. De alguns temos pouco conhecimento. Outros já passaram a ser industrializados pelas grandes explorações e massacres que recebemos durante 500 anos. Não só os índios, mas também os animais da floresta, o solo e até o ar estão diferentes. Isto tudo porque os recursos naturais passaram a ser comercializados. Agora estamos passando por uma situação crítica da vida no planeta terra.

Joaquim Paulo Manã Kaxinawá



Costumes Antigos dos Índios do Acre

Antes do contato com os brancos, a gente só usava a nossa cultura. Muito conhecimento já tinha.

Hoje, usamos muitas coisas fabricadas pelo branco. Mas, muitos de nossos costumes ainda permanecem nos dias de hoje.

O primeiro costume que permanece é a nossa língua. Depois que acabou-se o cativeiro dos patrões, passamos a valorizar ainda mais a nossa língua para nunca mais correr o risco de perder nossa cultura.

Hoje praticamos nossos hábitos de higiene, as pescarias de tingui, muitos de nossos cantos, nossa religião, a medicina da mata, nossas histórias de antigamente e nossas rezas para chamar os espíritos das plantações.

Brincamos várias de nossas festas tradicionais, como o *katxa*, *txiri*, *buna*, *nixpu pima*, *nixi pae*, *xingane* e *saiti*. Usamos algumas peças de nossas roupas tradicionais: chapéus, colares e pulseiras. Apreciamos nos pintar com genipapo e urucu para ficar bonitos nessas festas.

As populações indígenas nunca quiseram deixar sua comida. Esse é um costume que sempre ficou na memória e na prática de cada nação indígena. Índio gosta de comer carne e peixe assado, ou muquinhado. Gosta também de tomar caiçuma de macaxeira, banana, milho e mundubim. No tempo certo, gosta de colher frutas da mata: uricuri, pitomba, ingá, maparajuba, biurana, pama, pupunha, côco, açaí, bacaba e patoá.

As mulheres trabalham em vários tipos de artesanatos tradicionais: redes, cerâmicas, cestas, peneiras, paneiros.

Estes são trabalhos antigos. Os índios continuam vivendo os costumes do seu povo. Não querem viver de outra maneira. O que esqueceram, estamos procurando trazer de volta.

Professores Indígenas do Acre

Plantios Antigos que Permanecem até Hoje



Valdemir Mateus Shane Kaxinawá

A Herança Indígena Está Viva

Com os índios, os brancos aprenderam várias coisas. Muitas tradições indígenas passaram a ser usadas pelo povo do Acre e do Brasil. A herança indígena está viva no meio da sociedade branca. Muitas das palavras do português vêm de línguas indígenas. Dos índios também vêm os costumes do banho diário, de dormir na rede e de comer certas comidas: macaxeira cozida, milho assado na brasa, peixe muquinhado e pimenta. Os cantos e as músicas dos índios servem até hoje de inspiração para os brancos. Os primeiros povos deixaram muitas idéias e muitos conhecimentos para as gerações atuais, pois foram os antigos quem descobriram o fogo e quem fizeram a primeira panela de barro e as primeiras ferramentas.

Professores Indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas



ATIVIDADES



Para responder no caderno:

1- Faça uma lista dos recursos naturais mais usados na sua Terra Indígena

Animais

Arvores

Plantas

2- Faça uma lista dos recursos naturais que estão se acabando na sua Terra Indígena

Animais

Arvores

Plantas

3- Ligue a coluna dos recursos naturais aos produtos de sua cultura e desenhe

Recursos

Paxiúba

Barro

Tintas

Algodão

Cipó titica

Sementes

Produtos

Desenhos

Assoalho de casa

Panela

Colar

Vassoura

Capanga e lençol

4 - Que tipos de instrumento de trabalho são usados ainda hoje por seu povo e de que material são preparados.

5- Por que o solo, o ar, as plantas e os animais estão diferentes nos tempos de hoje em relação ao passado?

6- Faça uma lista dos costumes tradicionais que ficaram até hoje e dos costumes que mudaram.

Costumes Que Ficaram

Costumes Que Mudaram

7- Faça uma lista de costumes indígenas que fazem parte da cultura do povo brasileiro até hoje.



V - HISTÓRIA DOS ÍNDIOS DO ACRE E SUDOESTE DA AMAZÔNIA

Os Tempos da História. Do começo do Mundo aos Dias de Hoje

A história vem dos tempos antigos até os dias de hoje. Do tempo presente, segue para outro tempo diferente, o futuro. A cada tempo que se passou, aconteceram modificações nas formas de cada povo indígena se organizar. Essas modificações fazem os tempos diferentes da história de um povo.

Para entender a vida de cada povo indígena do Acre e do sudoeste da Amazônia, vamos separar sua história em cinco tempos diferentes:

- 1) o tempo das malocas,
- 2) o tempo das correrias,
- 3) o tempo do cativoiro,
- 4) o tempo dos direitos e
- 5) o tempo da história presente.

Em cada um desses tempos, vamos ver diferentes formas de organização do nosso povo, desde o começo do mundo até os dias de hoje. Em cada tempo, vamos estudar o que foi ficando, o que apareceu de novidade, o que foi deixado de lado e como foram se transformando nossas formas de viver, de organizar nosso governo e nossos trabalhos.

*Edson Medeiros Ixã Kaxinawá
Joaquim Paulo Maná Kaxinawá*



O TEMPO DAS MALOCAS

O tempo das malocas é o tempo antigo dos índios do Acre e do Sul do Amazonas.

Este é um tempo muito longo, que vem desde o começo do mundo.

É o tempo das histórias de antigamente, dos nossos mitos.

Tempo do nascimento do nosso povo indígena.

É o tempo da nossa cultura tradicional.

O tempo das malocas serve para contar a vida de cada povo indígena antes dos caríus chegarem na nossa região para abrir os seringais.

Noberto Sales Tené Kaxinawa

Nossa Maloca Tradicional

De primeiro, o nosso povo vivia em grandes malocas. Na nossa língua, dava-se o nome de *shubuã*. No português, depois ficou conhecido por *kupixawa*.

Nossa maloca tradicional era uma moradia de teto alto, coberta de palha. Esse teto vinha até perto do chão, mas não encostava. Não tinha paredes. O chão era de terra batida. A maloca era sempre construída perto da água e dos roçados, para facilitar os trabalhos dos homens e das mulheres.

Dentro do *kupixawa* moravam muitas famílias. Cada família tinha seu próprio canto para atar suas redes, fazer fogo para cozinhar, guardar suas coisas e pendurar as sementes dos legumes.

Cada *kupixawa* tinha seu chefe, que mandava nos outros chefes de família.

Francisco de Jesus Leonor Prado Dasu Kaxinawa

O Governo dos Índios no Tempo das Malocas

No tempo das malocas, cada povo tinha um chefe, que era seu governo. O chefe era respeitado por todas as famílias de seu povo. Era reconhecido quase como um pai. Cada povo chamava seu chefe de maneira diferente. Em *Kaxinawá* e em *Yawanawá*, chamava *shaneibu*; em *Jaminawa*, era *diyaiwu*; em *Katukina* era *nuke ivoi honi*; em *Kaxarari* era *matiki* e em *Ashaninka* *oshipio*. Esses nomes são usados ainda hoje nas aldeias.

Antigamente, o chefe tinha duas ou três mulheres. Mas, só dava certo quando elas eram irmãs. Primeiro, ele se juntava com a irmã mais velha. Depois que passava um ano, ou dois, ia se juntar com a irmã mais nova. As mulheres do chefe organizavam os trabalhos das outras mulheres da aldeia. O chefe mandava as mulheres preparar caiçuma e muita comida para os dias de festa.

O chefe tinha o poder de mandar no resto do povo. Quando iam fazer serviço de caçada ou de pescaria com *tingui*, o chefe combinava com o resto dos chefes de família. Quando os

caçadores voltavam, davam as caças que tinham matado para o chefe dividir. O chefe mandava distribuir pedaços de carne para todas as famílias do kupixawa. Depois, chamava todo mundo para comer junto.

No tempo das malocas, o chefe trabalhava no roçado. Ele organizava o trabalho para que seus filhos e os outros parentes trabalhassem unidos. Faziam roçado grande, mas depois cada família ficava com um pedaço. O chefe juntava sua turma para conversar de manhã, de tarde, na hora da janta e do quebra jejum. Assim combinava os trabalhos.

O chefe também trabalhava organizando as festas. Dançavam a festa do mariri. O povo todo aprendia a contar os mitos da cultura, a cantar na festa de mariri, no cipó, no batismo. O chefe também chamava o pajé para participar. Recebia outros povos, dava festas e também visitava outras malocas, acompanhado de outras pessoas, com medo de ser atacado.

*Edson Meirelles Kaparuá Jamináwa
Valdemir Mateus Shané Kaxinawá*

A Economia Tradicional dos Povos Indígenas

No tempo das malocas, cada povo indígena tinha seu território. Cada povo tinha sua própria organização, com seu governo, que era representado pelo seu chefe. O chefe organizava os trabalhos na agricultura, as pescarias, as caçadas, as festas, os passeios, as correrias contra outros povos. Também aconselhava seu povo para viver unido.

Cada povo tinha sua economia tradicional. O trabalho dos homens era caçar, pescar, tirar lenha, derrubar, plantar e limpar roçado. As mulheres faziam potes e camburões de barro. Fiavam o algodão para amarrar flecha. Teciam o algodão para fazer redes, tangas e pulseiras. Preparavam as tintas para enfeitar as pessoas e para pintar os tecidos. As mulheres arrancavam os legumes do roçado. De manhã, iam buscar água no igarapé para fazer a comida do quebra jejum. Quando os homens iam caçar um pouco longe, suas mulheres ficavam cuidando da casa, das crianças e do terreiro. A mulher do chefe coordenava os trabalhos das outras mulheres. Mandava elas preparar caiçuma, cozinhar banana, macaxeira e torrar milho.

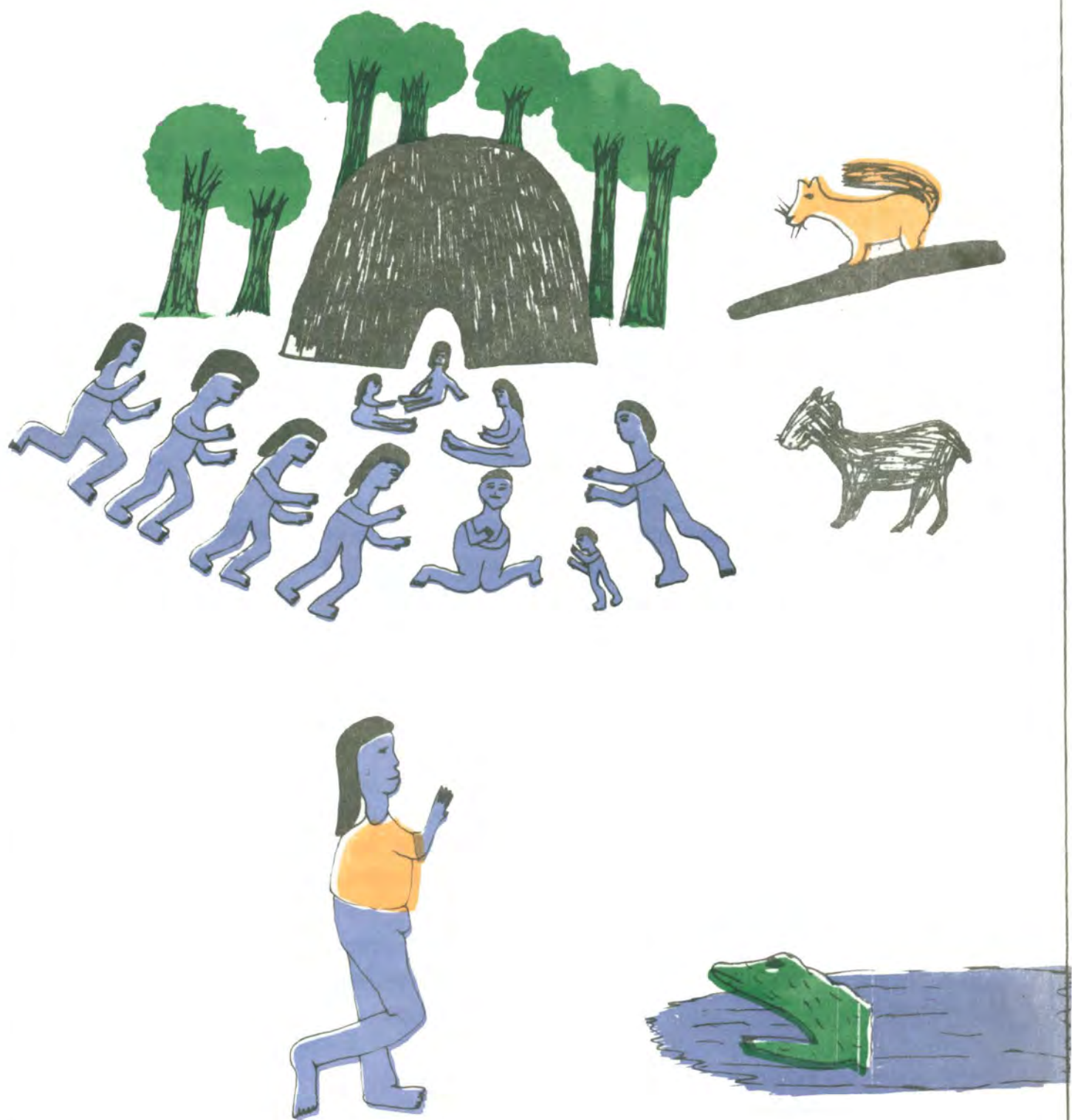
Cada povo tinha diferentes festas de sua tradição. Os homens velhos faziam festas para ter muita produção no tempo dos roçados, da banana madura, do milho verde, das caçadas e das pescarias. Eram vários tipos de festa: *katxa*, *txiri*, *xingané*, *hegina*, *haika*, *xipware*, *pirâtatsi*. Tinha os pajés para preparar cipó e fazer remédios da mata para curar as doenças que existiam nesse tempo de primeiro.

Assim os povos indígenas trabalhavam com sua economia tradicional, antes da chegada do cariú. Muitas dessas atividades continuam sendo feitas até hoje nas aldeias do Acre e do sul do Amazonas.



Geraldo Aiwa Apurinã

Antes do Contato



Julio Raimundo Idsudawa Jaminawa

ATIVIDADES

Pesquise no texto e responda as perguntas no caderno:

- 1- No tempo das malocas, que nome era dado ao chefe principal do seu povo?
- 2- Que tipo de serviço o chefe fazia?
- 3- No tempo de hoje, que nome é dado ao chefe?
- 4- Hoje, que tipos de serviço o chefe faz?
- 5- O que fazia a mulher do chefe no tempo das malocas?
- 6- E no tempo de hoje?
- 7- Dê o nome das festas de seu povo que ainda são realizadas hoje. Faça o desenho de uma dessas festas.

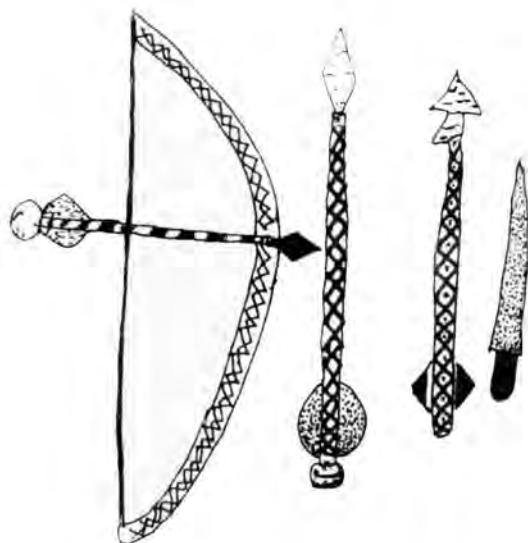
Para pesquisar com os parentes:

- 1- Em que região vivia o seu povo de primeiro?
- 2- Por que seu povo se mudou para outros lugares?
- 3- Quais os tipos de doença que os povos de antigamente tinham?
- 4- Faça uma lista das medicações tradicionais do seu povo e as doenças que elas curam:

Medicinas Tradicionais

Doenças

- 5- Conte uma história sobre o batismo tradicional do seu povo. Também desenhe.



História Manchineri Antes do Contato



Esta é parte da pesquisa que iniciei junto com os velhos Manchineri mais antigos sobre a história de meu povo há mais de 100 anos atrás, no tempo das malocas, logo antes da chegada dos caríus aqui no Acre.

Uma parte de nossa história conta que, antigamente, existiam correrias entre os próprios índios. Tinha povos que faziam guerras e se matavam a flechadas e bordunadas. De primeiro, os Manchineri pensavam que só eles existiam. Quando se encontravam com gente de fala e de costumes diferentes, faziam guerra. Por isso, mudavam de um canto para outro, procurando lugar tranquilo para morar, caçar, pescar e plantar.

Nesses tempos antigos, os Manchineri tinham malocas nos igarapés Pakshaha (Mutum), Ppholokhala (Montanha) e Katsuksuha (Abismo). Era nesses lugares onde os Manchineri moravam. Também tinha outros parentes que habitavam no rio Purus. Tinha uma varação pela qual caminhavam 4 ou 5 dias até chegar nesses outros rios. Havia também varação pelo rio Tahuamanu, que fica na Bolívia. Assim, sempre estavam andando de um lugar para outro.

Um dia, os Manchineri toparam com o povo Katiana. Os Manchineri não entendiam os Katiana, porque falavam outra língua. Nessa época, os Katiana já tinham contato com os peruanos, que tinham lhes dado terçados, machados, facas, panelas e até cachorros. No dia em que os Manchineri e os Katiana se toparam, não houve correrias. Os Katiana não eram um povo valente ou de guerra. Os Manchineri tampouco eram um povo de briga.

Dizem que, nesse tempo, os Katiana não sabiam fazer artesanato. Tinha mulheres Manchineri que faziam artesanato. Plantavam e fiavam algodão para depois tecer panos e redes. Os Katiana viram esses tecidos e ficaram interessados de usar também. As mulheres Manchineri teciam pano para que seus maridos trocassem com os Katiana por terçados velhos, machados e facas.

Depois começaram a chegar os caríus, fazendo correria e matando muitos índios. Os Katiana se acabaram no Acre. Os Manchineri ficaram nas cabeceiras do rio Iaco e começaram a viver no cativeiro dos patrões dos seringais.

*Jaime Llullu Manchineri
Pesquisa feita com velhos Manchineri*



Tempo das Malocas do Povo Apurinã

Antes da chegada dos seringueiros e patrões vindos do Nordeste do Brasil, a nação Apurinã da região de Boca do Acre vivia espalhada em três aldeias: uma onde hoje é o Camicua e outras duas onde hoje é a terra indígena do km 45. Essas três 3 aldeias se comunicavam através das festas de xipuare.

Os adornos dos Apurinã eram feitos de palha de buriti, couro de onça, urucum e jenipapo. Furavam as orelhas e o nariz para enfeitar com ossos. A mulher usava folhas como vestuário. O homem apenas amarrava seu pênis para cima com cinta de envira.

As casas eram feitas de folhas de ubim. Faziam pescarias de tingui e outras pescarias com flechas e caçadas também.

Os alimentos eram peixe muquinhado e cozido. Comiam com beiju e macaxeira. Faziam vinhos de banana, pupunha e macaxeira.

Os Apurinã tinham uma vida saudável. Não tinham doenças. Tinha seus pajés para curá-los de alguns males, que não eram doenças contagiosas trazidas da cidade.

*José Miranda Apurinã, 70 anos
Depoimento em 1996*

ATIVIDADES

Para pesquisar e responder no caderno:

1- Antigamente o seu povo tinha conhecimento de outros povos indígenas? Quais eram estes povos?

2- Como eram antigamente as vestimentas dos homens e mulheres do seu povo?

Homens

Mulheres

3- Faça uma relação dos alimentos tradicionais preparados no tempo das malocas:

4- Que tipos de artesanatos desapareceram da cultura de seu povo nos dias de hoje e que tipos de artesanato permaneceram

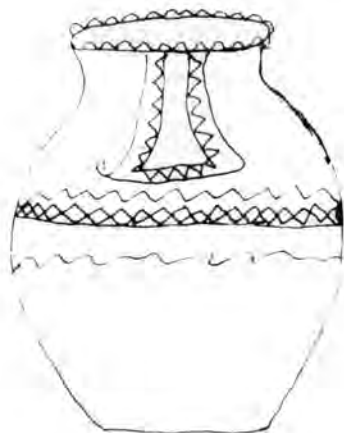
Que Permanece

O Que Mudou

5- Separe nas colunas os artesanatos que são de uso dentro da aldeia e os que são para comércio

Uso

Comércio



O TEMPO DAS CORRERIAS

A Chegada dos Caucheiros e dos Seringueiros

O segundo povoamento do Acre foi feito pelos homens brancos que chegaram há cem anos atrás. Foi quando os caucheiros peruanos e os seringalistas brasileiros começaram a invadir as terras onde muitas nações indígenas moravam desde antigamente. Esses caríus vieram para explorar recursos e riquezas da mata, principalmente a seringa e o caucho.

Os brasileiros chegaram de vários estados do Brasil: Ceará, Paraíba, Maranhão e Rio Grande do Norte. Nesse tempo, grandes embarcações começaram a subir o rio Purus e o rio Juruá. Os caríus foram entrando devagar pelos principais afluentes: os rios Acre, Iaco, Envira, Tarauacá, Gregório e Riozinho da Liberdade. Assim, foram iniciados os primeiros conflitos pela terra. Os patrões queriam que os índios abandonassem seus territórios tradicionais de moradia. Os brancos queriam ficar donos da floresta para abrir os seringais e colocar seus fregueses para produzir borracha. Cada vez vinha mais gente.

Os caucheiros peruanos chegaram no Acre varando pelas cabeceiras dos rios, à procura do caucho, de peles de fantasia e de madeiras-de-lei. Mataram muito índio e escravizaram outro bocado para trabalhar no caucho. Os peruanos ficaram pouco tempo. Logo voltaram ao Peru.

Com a chegada dos seringalistas e dos caucheiros, os índios deixaram de viver sossegados. Começaram a andar de um lado para outro, escapando das correrias. Morreu muito índio nesse tempo. Alguns povos se acabaram. Outros povos foram expulsos de suas terras e correram para as cabeceiras dos principais rios da região: Acre, Iaco, Purus, Envira, Muru, Tarauacá e Juruá. Muitos índios foram pegos e obrigados a trabalhar no cativoiro dos seringais. O patrão entregava índia nova para seringueiro caríu construir família. Nesse tempo, chegaram também muitas doenças que os índios não conheciam. Morreu muita gente de gripe, coqueluche, tuberculose, pneumonia e sarampo. Essas doenças estão fazendo a gente sofrer até os dias de hoje.

No tempo das correrias e da chegada do caríu, a borracha era muito valorizada no mundo todo. Servia para fabricar muitos objetos que eram vendidos na cidade.

*Benjamim Chere Katukina
Valdir Ferreira Tui Kaxinawá*

Correrias no Rio Tarauacá

Eu nasci em 1936. Meu pai me dizia que meu avô era do tempo quando Kaxinawá ainda era brabo, morava em kupixawa nas terras firmes. Meu avô viveu nú, só com um cordãozinho para amarrar o pau para cima na cintura. Nesse tempo, a mulher usava só uma saia feita de tecido de algodão.

Meu pai dizia que quando começou a lutar, a trabalhar, não existia negócio de mercadoria. Ferramenta era muito difícil. Vestuário, do mesmo jeito. Nesse tempo, seringal ainda não existia. Antes da chegada dos caríus, os Kaxinawá já conheciam o caucho. Anerava a árvore de caucho e aparava o leite. Com aquelas tiras de caucho, fazia a lamparina, a luz, para alumiar o kupixawa, para andar e caçar de noite.

Nesse tempo, quando meu pai começou a trabalhar, ele me contava história que ele vivia muito preocupado devido às correrias. Tanto caucheiro peruano como patrão caríu maltratavam

A Chegada dos Caucheiros Peruanos e dos No destinos



muitos os índios: matavam, invadiam, tratavam índio que nem bicho da mata. Peruano atacava, matava gente e tocava fogo no kupixawa. Jogavam meninos pequenos para o alto e aparavam em ponta da faca. Finada minha avó contava isso pra mim. Matavam os homens todos e amarravam as mulheres para levar. Arrasavam os kupixawas dos moradores, tocavam fogo. Meu vovô me contava. Os índios entravam dentro de buraco do tatu canastra para poder escapar, salvar a vida. Quando parava de vir aqueles caucheiros, via quantidade de índio tudo morto, de bala, furado de faca.

Assim, morreu muito velho, muito homem feito. Com isso, os poucos índios que restavam eram obrigados a fugir para o centro da mata e para as cabeceiras dos rios. Assim vinha lutando meu pai no tempo das correrias. Meu pai contava essas histórias para mim.

*Jorge Lemes Ferreira Ibã Kaxinawa
Entrevista em março de 1994*

Por Que Nosso Povo Jaminawa Vive Todo Espalhado?

Nos tempos antigos, os Jaminawa viviam em suas malocas, que formavam aldeias. Cada aldeia era dirigida por um chefe, que era chamado de kuraka. Naquela época, a aldeia ficava longe da beira do rio, porque os brancos estavam começando a massacrar os índios para tomar suas terras e abrir os seringais.

De primeiro, os Jaminawa viviam sem se preocupar com a terra. Faziam suas mudanças para qualquer lugar e onde andavam tudo era gratuito. Com a chegada dos seringalistas e dos seringueiros caríus, a vida dos Jaminawa mudou muito. Não podiam mais caçar e nem pescar libertos, porque por onde andavam as terras já estavam ocupadas por seringueiros nordestinos.

Os Jaminawa tiveram que se dividir em famílias quando passaram a sofrer as correrias dos peruanos e brasileiros. Alguns procuraram fugir para as cabeceiras dos rios e outros passaram a trabalhar para os patrões dos seringais.

Por isso, hoje são encontradas famílias de Jaminawa morando em aldeias do Peru, Bolívia e Brasil. No Acre, existem terras indígenas Jaminawa no rio Iaco e nas cabeceiras do rio Acre.

*Júlio Raimundo Isudawa Jaminawa
Francisco Xavier Xima Jaminawa*

O Medo dos Índios e o Medo dos Brancos

Os Kaxinawá sofreram as mesmas correrias que os outros povos indígenas do Acre também sofreram. As correrias feitas pelos seringalistas e pelos caucheiros peruanos obrigaram os Kaxinawá a abandonar suas terras tradicionais e fugir para as cabeceiras de vários rios, como o Purus, Envira, Murú, Tarauacá, Jordão e Breu. Quando chegaram os nawá, os Kaxinawá se espalharam, por causa das correrias, da invasão das aldeias e das doenças.

Os brancos mataram muitos índios por causa de roubo. Quando o seringueiro saía para cortar, os índios invadiam a casa e carregavam tudo que viam dentro. Muitas vezes, ainda queimavam a casa. Quando o seringueiro chegava da estrada, não encontrava mais nada. Para não perder o pouco que tinha, o seringueiro ia atrás dos índios. Pedia ajuda ao patrão, que organizava uma turma para fazer correria. Quando encontravam os kupixawas, matavam os homens, carregavam as mulheres e os meninos e recuperavam as coisas roubadas. Os patrões

faziam as correrias para dar segurança aos seringueiros que cortavam nos centros. Se não os fregueses ficavam com medo dos brabos e não faziam mais sua produção de borracha.

Os índios tinham medo dos seringueiros brancos, porque não tinham armas de fogo. As armas dos índios eram o arco, as flechas e as bordunas. Alguns índios tinham armas de fogo, porque matavam e roubavam os caucheiros peruanos e os seringueiros brasileiros. Teve vezes até dos índios invadirem o barracão, matar o patrão e carregar as mercadorias.

Os brancos não tinham muito conhecimento da mata como os índios tinham. Por isso também tinham medo dos índios. Quando encontravam uma turma de índios andando na mata, botavam cachorro para correr até pegá-los. Pegavam mulheres para casar e os meninos mais novos para criar.

Com o passar do tempo, os índios foram tendo mais contato e mais conhecimento com os brancos. Os patrões ofereciam mercadorias para os índios trabalhar no seringal. Assim foi que os brancos começaram a amansar os índios. Assim também começou o cativo dos índios Kaxinawá.

*Joaquim Paulo Maná Kaxinawá
Francisco de Jesus Leonor Prado Dassu Kaxinawá*

ATIVIDADES

Para ler no texto e responder no caderno:

- 1- Os primeiros habitantes do Acre foram os índios. Quem fez o segundo povoamento desta região?
- 2- De quais estados do Brasil vieram os caríus que povoaram a região há cem anos atrás?
- 3- Quais os dois rios principais do Acre por onde muita embarcação grande subiu?
- 4- Por que muitos índios foram obrigados a abandonar seus territórios tradicionais?
- 5- O que procuravam os caucheiros peruanos?
- 6- Depois da chegada dos seringalistas e caucheiros, quais mudanças aconteceram na vida do seu povo?
- 7- Faça um desenho mostrando a chegada dos primeiros patrões e caucheiros no Acre.
- 8- Por que os índios tinham medo do branco?
- 9- Por que os brancos tinham medo dos índios?
- 10- Por que o índio também tem nome de branco?

Pesquise com o professor e parentes:

- 1- Qual o rio e município que sua comunidade mora hoje em dia?
- 2- O seu povo está hoje espalhado por diferentes regiões do estado? Dê o nome dessas outras regiões.
- 3- Os índios brabos atacam na sua terra indígena? Conte uma história de índios brabos.
- 4- Nas cabeceiras de que rios estão localizados os índios brabos que têm na fronteira do Acre com o Peru?

O TEMPO DO CATIVEIRO

O Cativo do Índio Seringueiro

No tempo do cativo, os índios trabalharam muito para os patrões dos seringais. Alguns trabalharam como seringueiros. Outros trabalharam na diária, fazendo vários serviços, transportar borracha e mercadorias, varejar balsas de borracha, reabrir ramais, varadouros e estradas de seringa, colocar roçado para o patrão, caçar e pescar para abastecer o barracão.

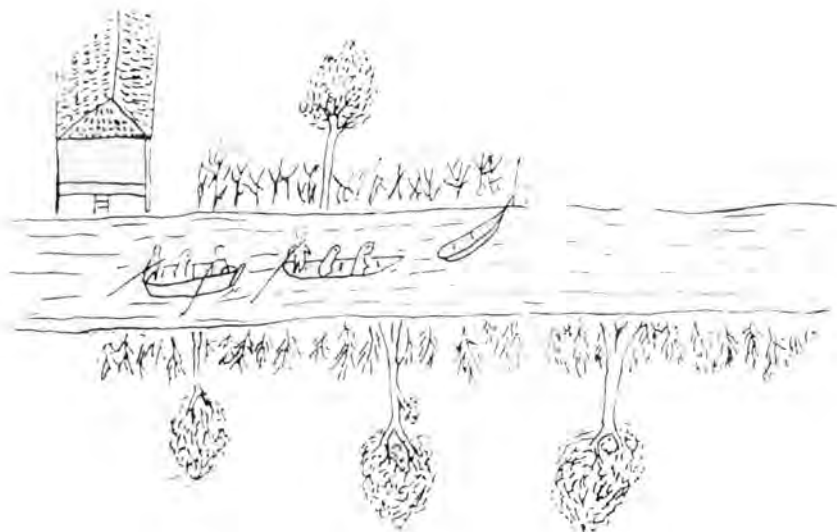
Depois das correrias, os índios aprenderam a cortar seringa. Na sua colocação, o índio seringueiro vivia com muito cuidado para não ser expulso pelo patrão. Se fizesse como o patrão mandava, tinha direito de continuar ocupando sua colocação, cortar as estradas e comprar suas necessidades no barracão. Se não fizesse como o patrão queria, o freguês era mandado embora sem receber indenização pelas suas benfeitorias.

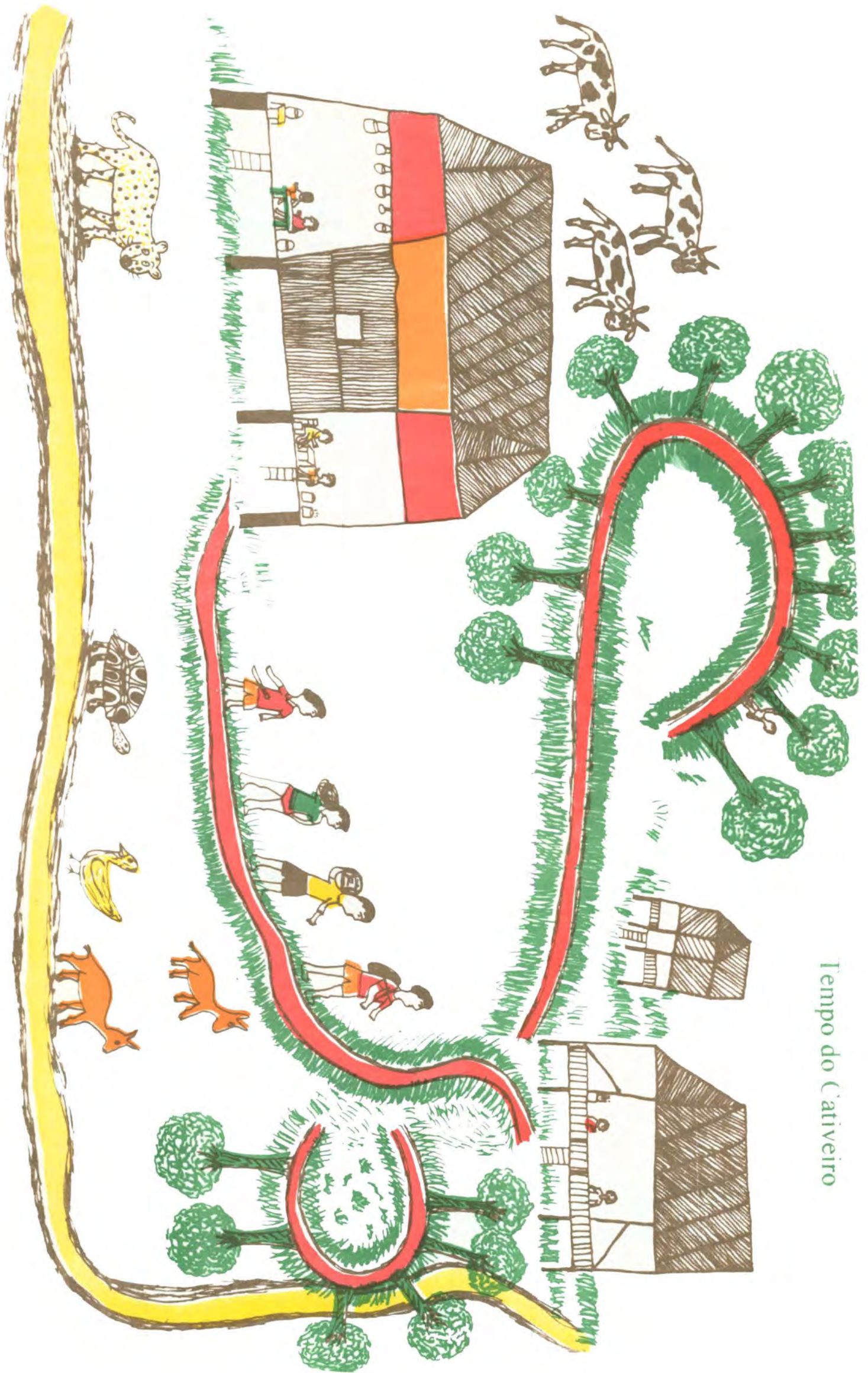
O índio seringueiro era obrigado a pagar renda pelas estradas de seringa. Pagava até de 35 quilos por ano de renda por cada estrada. O patrão proibia seu freguês de vender a borracha e de comprar a mercadoria em outro canto que não fosse no barracão. Se vendesse borracha para fora, o patrão desentigela as estradas e mandava o freguês desocupar a colocação.

No seu barracão, o patrão vendia as mercadorias muito mais caras do que na cidade. O patrão pagava menos pelo quilo da borracha. E ainda enganava os índios no peso da balança. Os índios sempre saíam enganados pelo patrão, porque não sabiam ler e nem escrever. Assim viviam sempre endividados. Por causa desses débitos, não podiam deixar o seringal para procurar um bom patrão.

No tempo do cativo, o índio não vivia liberto. Era conhecido por caboclo. O índio vivia cativo dos débitos no barracão do seu patrão. Custou muito sofrimento até a FUNAI chegar no Acre e informar aos índios que eles tinham direito de ter suas terras indígenas demarcadas. Com muita luta e com a ajuda de várias entidades, como a própria FUNAI, a Comissão Pró-Índio e o CIMI, os índios organizaram suas cooperativas, conquistaram suas terras e acabaram com o cativo dos patrões.

*Edson Medeiros Ibã Kaxinawa
Isaias Sales Ibã Kaxinawa*





Tempo do Cativeiro

O Barracão do Patrão e o Governo dos Índios

No tempo do cativo, o patrão mandava no seu barracão. Tinha muito patrão que não queria ver seus fregueses plantar roçado, caçar ou pescar. Ele só tinha interesse de ver o freguês cortando seringa e comprando no seu barracão.

Mas, os índios sempre trabalhavam no seu roçado, para não deixar seu trabalho parado. Eles tinham família. Cada uma dessas famílias tinha um chefe que governava na sua colocação. Esse chefe mandava o pessoal dele fazer todo tipo de serviço. Mandava trabalhar todos juntos para pagar as contas e poder comprar querosene, sabão, sal, munição, tecido e outras mercadorias. Depois juntava a produção e vendia para o patrão do seringal.

Em alguns povos indígenas, continuou existindo o chefe, que era respeitado pelas diferentes famílias. Esse chefe pedia para seus parentes não descuidar de pescar, caçar, colocar roçado, plantar macaxeira e banana. Quando os seringueiros de cada família acabavam suas produções de borracha, entregavam ao chefe do povo. Quando juntava todas essas produções, o chefe saía para trocar essa borracha pelas mercadorias que cada seringueiro tinha encomendado.

O patrão enganava muito nosso chefe, porque nesse tempo ninguém tinha o conhecimento dos brancos. O patrão não queria que nenhum filho dos índios aprendesse a ler e escrever. Se o índio aprendesse a ler, ele não ia mais conseguir enganar nas contas. A intenção do patrão era ficar roubando os índios para continuar com eles sempre no cativo. Ele roubava no peso da borracha, na diária e no preço das mercadorias.

No tempo do barracão, o patrão queria ver o índio sempre no cativo, cortando seringa, sempre endividado. Mas, o índio sempre continuou sendo o governo da sua própria casa e de sua família. Ele nunca descuidou de seus trabalhos da agricultura, das caçadas e das pescarias. Era por isso que o branco chamava o índio de caboclo preguiçoso, porque a produção de borracha dele era sempre menor que a do seringueiro cariú.

Antonio Olavo Eukutsy Apurinã





Sueiro Sales Bane Kaxinawá - Liderança tradicional Kaxinawá do Rio Jordão



Marcas das iniciais
Felizardo Cerqueira FC
no índio Kaxinawá do Rio Jordão
- Terri Aquino

ATIVIDADES

Pesquise com os mais velhos e com seus parentes para responder no caderno:

- 1- Em que seringais o seu povo vivia no tempo do cativoiro dos patrões seringalistas?
- 2- Como funcionava o barracão do patrão?
- 3- Escreva uma história sobre o patrão.
- 4- Que serviços eram feitos pelos seringueiros índios para o patrão? Faça uma lista destes serviços.
- 5- Por que o patrão não deixava o índio vender borracha para outros comerciantes e para os marreteiros?
- 6- O que era a renda que o índio pagava para o patrão?
- 7- Por que o patrão enganava o freguês no peso da borracha e no preço das mercadorias?
- 8- O seu povo tinha chefe no tempo do patrão branco? Quem era esse chefe? Quais eram os trabalhos desse chefe?



Os Primeiros Patrões dos Huni Kui

Antigamente, pouco antes de 1900, eu tenho história que meu pai me contava. Ele dizia do tempo que os Kaxinawá trabalhavam com Angelo Ferreira no rio Tarauacá, lá perto do Universo. Angelo era o tio do Felizardo Cerqueira. Eles trabalhavam com um bocado de índios. Fora os Kaxinawá, tinha Jamináwa, Yawanawa, Katuquina e Kulina. Fora outras nações de índios que hoje nem existem mais. Angelo Ferreira era patrão bom, porque gostava de viver como nós. Não deixavam caucheiro e outro patrão fazer correria e matar os índios. Respeitava os nossos chefes. Agradava os índios, arrumava mercadoria. Os índios faziam todo tipo de serviço para Angelo: trabalhavam no campo, abriam colocação, estrada de seringa, empicavam ramal, estrada de rodagem, varadouro, colocavam roçado, caçavam, pescavam, faziam transporte de mercadoria e de borracha. Os índios abriram também uma picada que ia da sede do seringal Cocameira, na beira do Tarauacá, até Cruzeiro do Sul. Os índios trabalhavam muito, mas trabalhavam satisfeitos. Os índios nunca tinham visto aquelas mercadorias que o Angelo arrumava. Tratava bem o índio. Não empatava de colocar roçado, de pescar, de caçar, de fazer nossas festas.

Angelo Ferreira e Felizardo Cerqueira foram os maiores amansadores de índios do rio Tarauacá. Eles não faziam correria pra matar índio brabo. Faziam correria para amansar os brabos e botar para trabalhar. Todos os índios gostavam do Angelo Ferreira e do Felizardo Cerqueira. Felizardo deixou até filhos no meio dos Kaxinawá. Ele dizia que tinha para mais de oitenta filhos com as caboclas. Eu mesmo ele ajudou a fazer. Mas, o meu pai verdadeiro foi Chico Curumim, índio Kaxinawá

Felizardo amansava caboclo e depois botava a marca FC para os outros patrões saberem que aquele caboclo era dele, que ele que tinha amansado. Nicolau Costa, Regino, Chico Curumim, Romão Sales, Valdemar Damião, esses caboclos Kaxi mais velhos, ainda carregam essa marca do Felizardo no braço. Picava o braço com quatro agulhas e passava tinta, que era jenipapo misturado com pólvora e tisna preta de sernambi.

Quando outro patrão mandou matar Angelo Ferreira à traição, na tocaia do varadouro, muitos índios foram embora com medo de morrer também. Mataram o patrão e podiam matar o resto também. Debandaram muitos índios para aqui e para acolá. Até hoje nossos parentes estão todos espalhados. Uns fugiram para as cabeceiras do Purus e foram viver no rio Curanja, no lado do Peru. Outros foram para os rios Jordão, Envira e Alto Tarauacá. Outros foram para as cabeceiras do rio Gregório. Outros foram para o Bananal e para o Paranã. Mas, de primeiro, quase todos eles viviam ali no Apuanã, no Tarauacá e no Primavera, onde tinha kupixawas antigos e grandes.

*Sueiro Sales Cerqueira Bané Kaxinawa
Depoimento em fevereiro de 1994*



Fortaleza, Seringal Kaxinawá no Rio Jordão

Antes do txai Terri chegar com a FUNAI no rio Jordão, nós, Huni Kui, sofriamos muito com o cativo dos patrões seringalistas. Até 1978, a gente pagava renda das estradas de seringa. Era roubado no preço da borracha e das mercadorias. E era expulso da colocação sem receber nenhuma indenização pelas nossas benfeitorias.

Mesmo no tempo do cativo, os Huni Kui do rio Jordão tinham seu próprio chefe, que era o meu pai, Alfredo Sueiro Sales Cerqueira, Banê, na nossa língua *hatxa kui*. Quando meu pai era menino, virou afilhado de fogueira da Marcolina, uma negra que tinha vindo do Piauí. Marcolina era dona de um pequeno seringal no Jordão, por nome de Fortaleza. Meu pai gostava muito dela. Ele cortava seringa e, junto com seus parentes, fazia muita borracha. Ele caçava veado, porco, queixada, anta, jabuti e dava para ela comer. Colocava roçado para ela.

Como era um rapaz muito esperto e trabalhador, Sueiro juntava muita borracha. Assim, começou a comprar a mercadoria em grosso: saco de sal, caixa de sabão, barril de pólvora, chumbo, peças de tecido, instrumentos de trabalho e os utensílios da seringa. Combinava com seus parentes, irmãos, primos, cunhados e sobrinhos para trabalhar com ele. Com a borracha que produziam, o chefe Sueiro conseguia comprar mercadorias do patrão e dos marreteiros. Ele tinha conhecimento, pois sabia falar bem o português, só não sabia escrever, e era bom de matemática.

Quando Marcolina começou a adoecer, falou com o seu afilhado Sueiro:

- Olha, meu filho. Eu gosto muito de você e você também gosta de mim. Quando eu morrer, não saia de nosso lugar. Fique aqui trabalhando com seus parentes.

Quando sua madrinha morreu, meu pai continuou trabalhando com seus parentes no seringal Fortaleza. Nesse tempo, meu pai comprava com os seguintes patrões e marreteiros: Irineu, Nabor, Salomão e Zé Sobralino.

Foi com esse seringal Fortaleza que nós começamos a lutar para conquistar os seis seringais da Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão. Depois, mudamos o nome do seringal Fortaleza e demos o nome de Três Fazendas. Ali existem 3 colocações no centro e 1 na margem do rio Jordão, com 12 estradas de seringa. Até eu, Tene, nasci no Fortaleza.

Roberto Sales Tene Kaxinawá

O Sofrimento de um Velho Seringueiro Manchineri

Nós, Manchineri, não tínhamos nosso governo próprio no tempo do cativo. Nós tínhamos patrão. Meu pai trabalhou muito nas mãos dos patrões brancos, cortando seringa e pagando renda da colocação.

Quando foi um dia desses, perguntei a meu avô sobre a vida dele, como era que a gente vivia de primeiro, como tinha sido o sofrimento dos índios no cativo dos patrões. Ele me respondeu:

- Olha, meu neto. De primeiro, eu trabalhei muito. Não ganhei nada com a seringa nem com o trabalho na diária. Eu já cortei muita seringa. Fui caçador. Já tirei borracha no igarapé. Fui muito enganado pelos patrões. Só conheci foi muita fome.

Antonio Gerônimo Ksajiru Manchineri

Os Patrões do Rio Gregório

No rio Gregório, o povo Yawanawá sempre morou. Nosso pai Antonio Luis foi um grande chefe do nosso povo. Ele mandava numa aldeia grande. Ali, o povo morava, plantava, fazia festa tradicional, usava pintura no rosto e tomava cipó.

Um bocado de tempo depois, a família Carioca começou a tomar de conta de vários seringais do rio Gregório. O patrão chamado Antonio Carioca, que passou a movimentar o seringal Caxinauá, convidou meu pai para morar perto dele. Meu pai aceitou o convite e todos os Yawanawá se mudaram para perto do barracão desse patrão branco.

Meu pai não falava a língua portuguesa, mas ele trabalhava com o patrão branco. Ele cortava seringa, fazia muita borracha, plantava muito, fazia doce, mel, gramixó e farinha. Todos esses produtos, ele entregava para o patrão branco. O patrão enganava muito os índios. Os Yawanawá não tinham direito a nada. Viviam no cativeiro do patrão.

Depois chegaram os representantes da PARANACRE, uma empresa lá do sul do país. Esses paulistas chegaram dizendo que tinham comprado todo o rio Gregório do Altevir Leal, com nós índios dentro. A PARANACRE fez lei igual à do barracão do patrão seringalista. Ficou tudo no mesmo cativeiro velho. Os índios continuaram vivendo ali. Batiam campo para a firma colocar seu gado. Cortavam seringa e faziam muita borracha. Pagavam renda. Ninguém podia vender um quilo de borracha para fora. Se um índio levava uma pela de borracha, ameaçavam de mandar embora da sua colocação.

O povo Yawanawá foi perdendo a sua cultura, as festas e brincadeiras. Os pajés não rezavam mais. Os pajés sabiam de tudo que estava acontecendo ali. Tudo eles sabiam e guardavam dentro deles. Quando os Yawanawá falavam na língua indígena, os brancos ficavam mangando e diziam para nós:

- Olha, os caboclos cortando giria!

Por isso, hoje só os velhos falam a nossa língua Yawanawá. Agora muitos jovens já começaram a aprender a falar nossa língua e dar valor na nossa cultura e nossas festas tradicionais.

*Francisco Luis Panahai Yawanawá
Fernando Luiz Kateyuve Yawanawá*

ATIVIDADES

Pesquise para depois responder no caderno:

- 1- Quem foram os primeiros patrões de seu povo?
- 2- Em qual seringal o seu povo trabalhou com esses primeiros patrões?
- 3- Como esses patrões tratavam seus parentes?
- 4- Quem era o chefe do seu povo nesse tempo?
- 5- Escreva as principais diferenças que você descobriu estudando o Tempo das Malocas e o Tempo do Cativeiro

Tempo das Malocas

Tempo do Cativeiro

TEMPO DOS DIREITOS

A Cooperativa dos Índios e o Barracão do Patrão

Da primeira vez que as lideranças Kaxinawá do Jordão foram em Brasília, no ano de 1980, fomos falar com o Presidente da FUNAI atrás do direito de tirar os seringalistas da terra indígena que a FUNAI já tinha delimitado para nós. Da segunda vez que fomos já era outro Presidente. Dessa vez, fomos atrás da demarcação da nossa terra e de uma ajuda de projeto para continuar nossa luta, organizar melhor a nossa cooperativa.

O Presidente da FUNAI perguntou qual era a diferença da cooperativa para o barracão do patrão seringalista. A primeira diferença é que a gente tinha acabado com o pagamento da renda das estradas de seringa. Os patrões costumavam cobrar 70 quilos de renda por uma parrelha de estradas. Eu falei que o patrão, quando comprava mercadoria na cidade, vendia para o seringueiro com um aumento de 50, 80 ou 100%. Na cooperativa, a mercadoria ficava muito mais em conta para o seringueiro. As porcentagens que a gente estava fazendo eram de 15 ou 20%, para poder pagar os custos com transporte das mercadorias e da produção. A cooperativa pagava o preço da borracha que estava correndo na rua e não roubava no peso da balança. O patrão pagava menor preço pelo quilo da borracha e descontava tara, dizendo que a borracha ia ficar mais leve quando perdesse água.

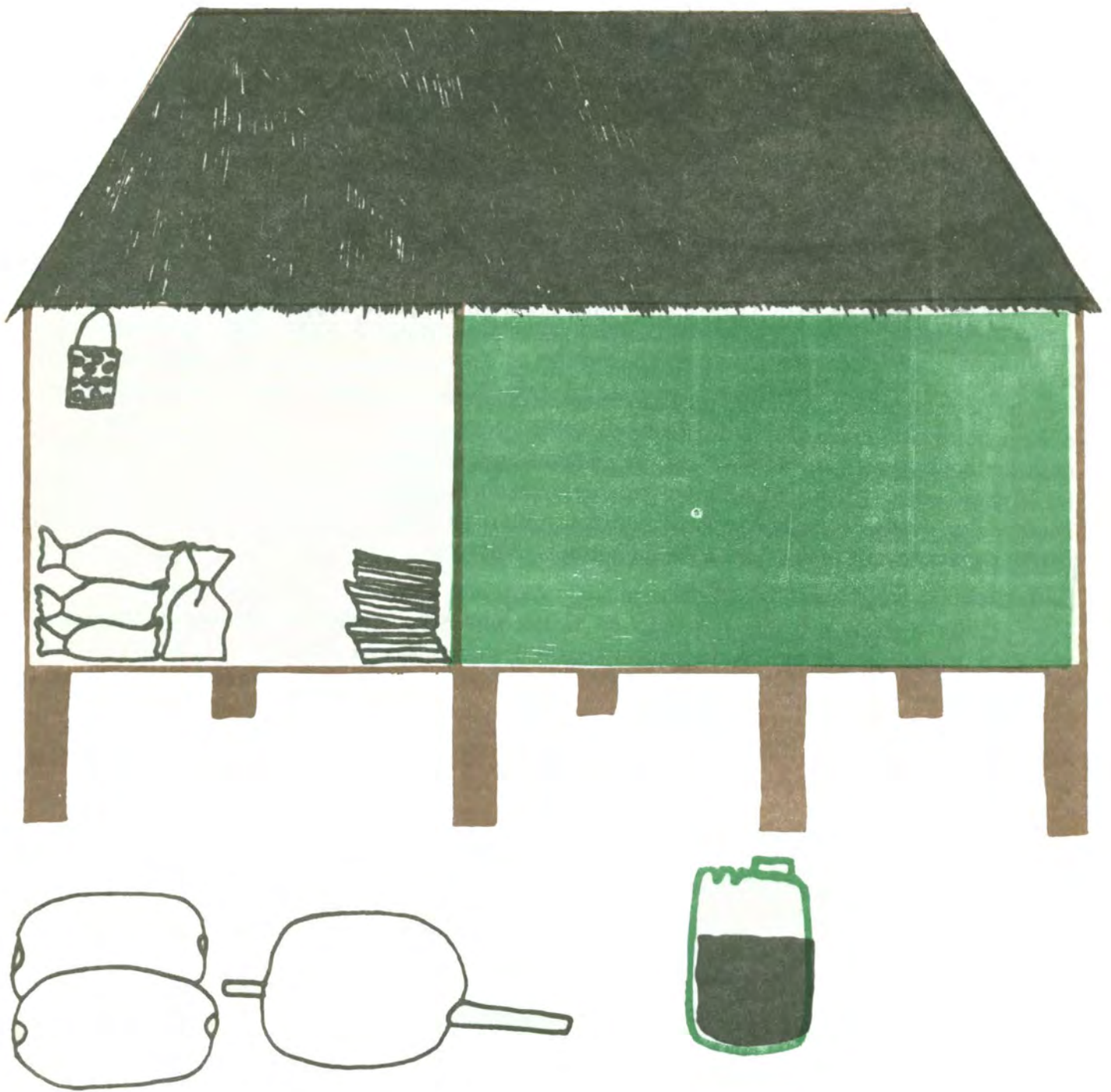
Outra diferença é que o patrão só ficava atrás do balcão, mandando os fregueses trabalhar, roubando eles para poder educar seus filhos e ter casa na cidade. E com a cooperativa das comunidades, tinha se acabado patrão. O cantineiro ajudava a organizar o trabalho do seringueiro e despachava mercadoria para todos trabalhar animados. Estas mercadorias eram para todas as populações trabalhar mais libertas e sair do cativeiro da mãos dos seringalistas

*Agostinho Manduca Mateus Muru Kaxinawá
Depoimento em 11 de fevereiro de 1992*



Lideranças indígenas do Acre em Brasília

A Cooperativa



Jaime Llullu Manchineri

O Direito à Escola e à Saúde

No começo da nossa luta pelos direitos, a gente conseguiu organizar a nossa cooperativa. Assim, tiramos os cariús das nossas terras. Depois, começamos a procurar a FUNAI, a CPI e o CIMI para tentar conseguir educação e saúde nas nossas aldeias. O seringalista escravizava muito os índios porque ninguém sabia ler e nem escrever. Para poder trabalhar na nossa cooperativa, os próprios índios tinham que tirar a contabilidade do movimento de mercadorias e de borracha. Por isso, os índios precisavam ter escolas nas aldeias.

Lutamos também para ter agentes de saúde indígenas treinados para tratar das principais doenças que atacavam nas aldeias. Antes de ter contato com os brancos, o nosso povo só conhecia nossas próprias doenças. Os próprios doutores da floresta tratavam essas doenças com remédios da mata. Nesse tempo não pertencia nenhuma doença do branco. Depois do contato e das correrias, vieram muitos tipos de doença: sarampo, tuberculose, coqueluche, pneumonia, gripe. Essas doenças mataram muita gente no começo e sempre continuaram maltratando os índios.

Nesse tempo, o Presidente da FUNAI queria mandar os empregados dele para lecionar na aldeia e para tratar dos doentes. As lideranças não concordaram. Queriam que os próprios índios fossem treinados para serem professores e agentes de saúde. As lideranças não concordaram e falaram assim:

- Se o senhor mandar alguém da FUNAI de Brasília, ele vai passar pouco tempo na nossa aldeia. Logo ele vai querer voltar para a terra dele. Assim, nós vamos ficar de novo sem professor. Quem não aprendeu, fica sem aprender. Quem aprendeu alguma coisa, aprendeu bem pouquinho. Agora, se fosse como em certas aldeias tudo bem. Tem povo que perdeu até a sua própria língua por causa dos massacres. Só fala português. Lá no Acre é muita diferença. Nós vivemos no fim do mundo. Muita gente se criou lá mesmo na aldeia, nunca saiu, e não fala português. Outros falam muito ruim. Era bom se a FUNAI e as entidades ajudassem a preparar os próprios índios para lecionar e para fazer atendimento de saúde. Assim eles vão falar na nossa própria língua e traduzir para o resto do povo entender.

O Presidente da FUNAI e as entidades concordaram com isso, acharam muito importante. Foi a partir daí que começaram os primeiros cursos para professores e para agentes de saúde indígenas.

Francisco Pancho Lopes Kaxinawá



XV Curso de Formação de Professores Indígenas - Foto Marilda Cavalcanti 1995

ATIVIDADES

Para responder no caderno:

- 1- Quando começou o Tempo dos Direitos para os índios do Acre?
- 2- Que entidades e pessoas apoiaram seu povo na criação da sua Terra Indígena?
- 3- Como foram escolhidas as lideranças para representar as comunidades nas lutas dos direitos?
- 4- Que pessoas de seu povo foram importantes durante o Tempo dos Direitos?
- 5- Quais são as diferenças da cooperativa dos índios para o barracão do patrão seringalista?
- 6- Por que as lideranças queriam que os próprios índios fossem treinados para serem professores e agentes de saúde?
- 7- Em sua opinião qual a importância dos trabalhos da liderança, do professor e do agente de saúde

Liderança:

Professor:

Agente de Saúde:



O Primeiro Direito à Terra



Os índios começaram a lutar pelas suas terras foi com a ajuda da FUNAI, da Comissão Pro-Índio e do CIMI. Antigamente, os índios não sabiam se eles tinham direito na sua terra. Com a ajuda da FUNAI e dessas entidades, os índios reconheceram que tinham direito de brigar com os *nawá* pelas suas terras. Os índios mais velhos de cada região e de cada nação começaram a pensar juntos com suas comunidades. Assim nasceram as lideranças. Cada nação passou a ser representada em Rio Branco e em Brasília. O chefe de cada povo indígena começou a brigar pela demarcação de uma terra indígena para seu povo. Com muita luta, cada nação indígena conseguiu conquistar sua terra. Dentro das terras indígenas, temos direito de ter nossa própria escola, nosso posto de saúde e nossa cooperativa.

Assim, vemos que agora todas as nações indígenas têm direito de ter suas terras para morar até o final dos tempos.

Valdemir Mateus Shane Kaxinawa

Nascimento da Terra Indígena da Praia do Carapanã

Os índios Kaxinawá da Praia do Carapanã lutaram muito para se organizar. Para ter direito, os índios precisavam primeiro de algum conhecimento. Assim, começamos a lutar pelo direito de ter nossa terra liberta para nossas famílias poderem plantar nas suas colocações, para ter nossas escolas e nossos agentes de saúde.

Para conseguir esses direitos, foi primeiro com a briga da liderança. Foi muita luta e muita briga. A liderança foi várias vezes a Rio Branco e a Brasília. Foi conversar com a FUNAI para encontrar o direito do nosso povo morar na nossa própria terra, onde já morava desde antigamente.

A nossa liderança, Jorge Lemes Ferreira Ibã, começou lutando sozinho. Agora têm os agentes de saúde e os professores para brigar junto. Assim, hoje todos nós temos direito de morar na nossa terra.

Na Praia do Carapanã, só em 1994 a FUNAI identificou a nossa terra indígena. Agora chegou o tempo de tirar a PARANACRE para os Kaxinawá termos o direito que nos falta. A PARANACRE comprou a nossa terra com todos os índios Kaxinawá dentro. Nós levamos 7 anos junto com nosso cacique para ter a identificação da nossa terra. Assim foi a nossa luta. Sofremos muito na mão dos brancos. Brigamos muito até que a FUNAI tomou conhecimento que nós tínhamos direito na terra. Começamos a lutar com 52 pessoas. Agora nós somos 230 pessoas morando na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã. Nossa terra tem 61.307 hectares e fica no Município de Tarauacá.

Manoel Francisco Dário Makari Kaxinawá



Luta Pela Terra



Isaac Pianko Ashaninka



No tempo em que os Kaxarari começaram a lutar pelos direitos, eu era pequeno. Tinha idade de 8 anos. Naquele tempo, meu pai começou a brigar pelo direito de ter nossa terra. Os próprios parentes vendiam a colocação para o patrão. Eles estavam devendo muito e o patrão tinha que receber a produção deles. O patrão ficava em cima deles para receber. Ameaçava de tiro. Os índios entregavam a colocação. O branco matava os índios e os índios matavam o branco.

Quando soubemos que os índios tinham direito a um pedaço de terra, meu pai, Antônio Caibu, que os brancos chamavam ele, começou a ser liderança do nosso povo.

Um dia, o patrão chegou na casa dele, querendo comprar o local dele. O branco falou assim para meu pai:

- Antônio, você quer me vender este seu local?

Nesse tempo, meu pai já estava sabendo um pouco. Por isso, respondeu para o patrão:

- Não. Eu tenho filhos, netos e netas que precisam morar aqui. Não vendo.

O branco voltou para a casa dele.

Depois, nós fomos à FUNAI para procurar nossos direitos. Pedimos à FUNAI que fizesse a demarcação de nossa Área Indígena, para não precisar mais do branco.

A nossa liderança brigou muito pelos nossos direitos.

Miguel Alves Costa Ruwê Kaxarari

Assim os Katukina Começamos a Lutar Pela Nossa Terra

Para tirar o patrão de dentro de nossa terra indígena, fizemos uma grande reunião para escolher a pessoa que tinha mais coragem. Assim, os Katukina escolheram uma liderança para tirar o patrão. No outro dia, chegou um funcionário da FUNAI para nos ajudar. Esse homem da FUNAI passou o resto do dia para reunir com todo o nosso pessoal: homens, mulheres, crianças e velhos. No outro dia, fomos tirar o patrão, armados com flechas. Alguns homens foram até com espingardas. O funcionário da FUNAI foi na frente e os índios foram atrás. O nome desse patrão era Correia. Ele trabalhava para a PARANACRE. Ele ficou com medo e foi embora com todos os seringueiros dele.

Foi assim que nós índios Katukina tiramos o patrão de dentro de nossa terra. O primeiro nosso governo foi Antonio Barbosa Katukina. Este homem foi que começou a brigar pela terra. Ele brigava muito com a FUNAI e com as entidades para fazer a demarcação da nossa terra. Depois que mandamos os brancos embora, nossa liderança pediu para a FUNAI demarcar a nossa terra. Com muito tempo que o nosso governo vinha lutando com o governo brasileiro, a nossa terra foi demarcada. A nossa terra indígena foi a primeira a ser demarcada em todo o Estado do Acre. Isso foi em 1984. Hoje a gente divide a nossa terra com os Yawanawá.



Evaldo Carlos Mainawa Katukina

ATIVIDADES

Para pesquisar com seus parentes e responder no caderno:

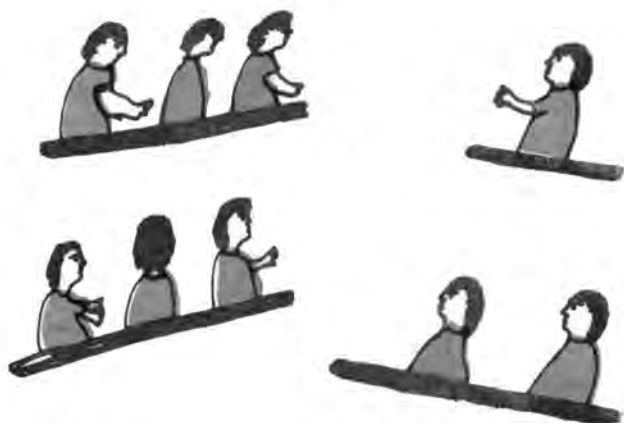
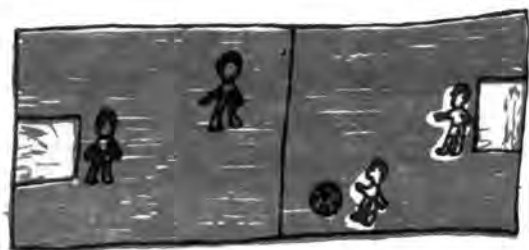
- 1- Quando foi a identificação ou a demarcação da sua Terra Indígena?
- 2- Houve confusão ou conflito para tirar o patrão e conquistar a terra? Conte uma história sobre alguma dessas confusões.
- 3- Pergunte as antigas lideranças como foi criada a cooperativa do seu povo? Depois escreva uma história desse tempo.
- 4- No quadro abaixo, encontre as palavras escondidas:

A	S	B	L	I	D	E	R	A	N	Ç	A	C	F
O	A	Ç	A	C	U	D	E	S	C	O	L	A	A
C	U	R	S	O	A	I	N	D	I	O	I	R	O
F	D	E	M	A	R	C	A	Ç	A	O	F	R	I
U	E	D	I	R	E	I	T	O	S	B	N	E	P
L	I	B	E	R	T	O	A	C	D	F	G	T	J

Direitos
Educação
Saúde
Curso
Escola
Terra
Demarcação
Índio
Liberto
Liderança



O TEMPO DA HISTÓRIA PRESENTE



O chefe reunido com o professor, agente de saúde e a comunidade

O Governo dos Índios no Tempo Presente

O tempo presente dos índios do Acre é formado pelas várias situações conquistadas pelas comunidades ao longo dos últimos 20 anos.

Nós, povos indígenas do Acre, com muita luta e dificuldade, estamos tentando mostrar quem somos. Já faz 497 anos da invasão das terras que nossos parentes habitavam na costa da terra que hoje é Brasil. No Acre, há 21 anos que os índios estão conseguindo recuperar seu patrimônio territorial como primeiros habitantes desta floresta.

Com 21 anos de luta pelos seus direitos, os índios do Acre já conquistaram 28 terras indígenas. Dessas terras, 13 estão regularizadas, 6 estão delimitadas, 7 estão identificadas e 2 estão interditadas (precisando ainda ser identificadas). Estas 28 terras estão distribuídas em 11 municípios do Acre e ocupam 2.092.570 hectares. Vivem hoje em nosso estado mais ou menos 8.000 índios, pertencentes a 13 povos indígenas e 2 troncos lingüísticos diferentes (pano e arawak).

Esses 13 povos estão organizados de várias maneiras em busca de melhorar suas condições de vida. Levantamento feito pela Comissão Pró-Índio, em 1995, mostra que há 68 escolas e 90 professores indígenas, que foram formados pela CPI, CIMI e COMIN. Foi nos cursos de formação de professores que tivemos a visão de começar a fundar o movimento indígena, as associações e as nossas próprias organizações locais, de acordo com a realidade de cada povo. Essas novas formas de organização vêm procurando abrir novas alternativas econômicas para o desenvolvimento de comunidades que sempre foram dominadas pelos padrões dos seringais.

Essas organizações têm mostrado para os povos indígenas do Acre, do Brasil e do mundo inteiro como podemos nos livrar da violência e da discriminação, e como acabar com o analfabetismo e com as doenças, que sempre trouxeram o sofrimento de nosso povo. Através de nossas próprias organizações, continuaremos conquistando nossos desejos, principalmente o de sermos povos indígenas sem discriminação.

Joaquim Paulo Manó Kaxinã

SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DO ACRE

Município	Terra Indígena	Povo	População	Extensão (ha)	Situação Jurídica
Santa Rosa Manoel Urbano	Alto Purus	Kaxinawá	782	263.129	Regularizada
		Kulina	388		
		Jamináwa	200 (CPI-96)		
Assis Brasil	Cabeceira do Rio Acre	Jamináwa	123 (CPI-94)	76.680	Delimitada
Sena Madureira	Mamoadate	Manchineri Jamináwa	332 75 (CPI-94)	313.647	Regularizada
Feijó	Kampa do Rio Envira	Ashaninka	198 (CPI-94)	247.200	Delimitada
	Katukina/Kaxinawá	Shanenáwa Kaxinawá	239 337 (CPI-94)	23.474	Regularizada
	Kaxinawá de Nova Olinda	Kaxinawá	177 FUNAI-93	27.533	Regularizada
	Kulina do Igarapé do Pau	Kulina	169 (CPI-94)	44.050	Delimitada
	Kulina do Rio Envira	Kulina	207 FUNAI-93	84.365	Regularizada
	Kaxinawá do Rio Humaitá	Kaxinawá	217 (CPI-93)	127.383	Regularizada
	Xinane	Isolados	-	175.000	Interditada *
	Jaminauá/Envira	Ashaninka Kulina	52 40 FUNAI-96	86.615	Identificada
Tarauacá	Igarapé do Caucho	Kaxinawá	356 (UNI-94)	12.318	Regularizada
	Kaxinawá da Colônia 27	Kaxinawá	57 (UNI-94)	105	Regularizada
	Rio Gregório	Yawanawá Katukina	420 160 OAYERG-96	92.859	Regularizada
	Campinas	Katukina	123 (LIMA-94)	32.623	Regularizada
	Kaxinawá da Praia do Carapanã	Kaxinawá	250 (CPI-96)	61.307	Identificada
	Kampa do Igarapé Primavera	Ashaninka	21 (CPI-96)	21.800	Identificada
	Jordão	Kaxinawá do Rio Jordão	Kaxinawá	1200 ASKARJ-96	87.293
Kaxinawá do Baixo Rio Jordão		Kaxinawá	7.700		Identificada
Kaxinawá do Seringal Independência		Kaxinawá	14.750		Identificada
Alto Tarauacá		Isolados	-		52.000
Cruzeiro do Sul	Jamináwa do Igarapé Preto	Jamináwa	84 FUNAI-92	26.000	Delimitada
Porto Valter	Arara do Igarapé Humaitá	Arara	183 (CPI-96)	27.700	Identificada
Marechal Thaumaturgo	Kampa do Rio Amônia	Ashaninka	226 Mendes-90	87.205	Regularizada
	Jamináwa-Arara	Jamináwa-Arara	118 FUNAI-93	28.650	Delimitada
	Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu	Kaxinawá Ashaninka	256 94 (CPI-94)	23.840	Identificada
Mâncio Lima	Poyanawa	Poyanwa	385 (CPI-94)	20.081	Delimitada
	Nukini	Nukini	400 FUNAI-94	27.263	Regularizada
TOTAIS	28		7.869	2.092.570	

* A identificar

Quadro: Setor de Educação da CPI-Acre; Fevereiro/1997



ESCOLAS INDÍGENAS DO ACRE E SUL DO AMAZONAS

POVO	ÁREA	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIZAÇÃO	ENTIDADE RESPONS.	VINC. INST.	Nº DE PROFESSORES
	Jordão	Jordão	Boa Esperança	Rio Jordão	CPI/AC	SEC/AC	1
	Jordão	Jordão	Lua Cheia	Rio Jordão	Prefeit.	Prefeit.	1
	Jordão	Jordão	Bom Futuro	Rio Jordão	CPI/AC	SEC/AC	1
	Jordão	Jordão	Alto do Bode	Rio Jordão	CPI/AC	SEC/AC	1
	Jordão	Jordão	Bele Monte	Rio Jordão	CPI/AC	SEC/AC	1
	Jordão	Jordão	Novo Segredo	Rio Jordão	CPI/AC	SEC/AC	1
	Jordão	Jordão	Boa Vista	Rio Jordão	Prefeit.	Prefeit.	1
K	Jordão	Jordão	Rainha da Floresta	Rio Jordão	Prefeit.	Prefeit.	1
	Jordão	Jordão	Ermildo Sales	Rio Jordão	Prefeit.	Prefeit.	1
A	Jordão	Jordão	Independência	Alto Rio Tarauacá	Prefeit.	SEC/AC	2
	Caucho	Tarauacá	Est. do Caucho	Rio Muru	CPI/AC	SEC/AC	1
X	Caucho	Tarauacá	Caucho	Rio Muru	CPI/AC	SEC/AC	1
	Caucho	Tarauacá	Tamandaré	Rio Muru	CPI/AC	SEC/AC	1
I	Colônia 27	Tarauacá	Nieta Monte	Est. dos Fazendeiros	CPI/AC	SEC/AC	1
	Carapanã	Tarauacá	Nsa. de Fátima	Rio Tarauacá	CPI/AC	SEC/AC	2
N	Carapanã	Tarauacá	São Francisco - I	Rio Tarauacá	CPI/AC	SEC/AC	1
	Humaitá	Tarauacá	São José	Rio Humaitá	CPI/AC	SEC/AC	1
A	Humaitá	Tarauacá	São Francisco - II	Rio Humaitá	CPI/AC	SEC/AC	1
	Humaitá	Tarauacá	Boa Vista	Rio Humaitá	FUNAI	FUNAI	1
W	Breu	Thaumaturgo	Novo Sentido	Rio Breu	CPI/AC	CPI/AC	1
	Breu	Thaumaturgo	Escola do Breu	Rio Breu	CPI/AC	FUNAI	1
A	Alto Purus	Santa Rosa	Novo Repouso	Rio Alto Purus	CPI/AC	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Moerna	Rio Alto Purus	CPI/AC	SEC/AC	2
	Alto Purus	Santa Rosa	Nova Fronteira	Rio Alto Purus	CPI/SEC/Pref.	CPI/AC	4
	Alto Purus	Santa Rosa	Cana Recreio	Rio Alto Purus	CPI/AC	FUNAI	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Nova Aliança	Rio Alto Purus	CPI/AC	Prefeit.	2
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Belo Monte	Rio Envira	UNI/CIMI	SEC/AC	1
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Kaxinawa	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	2
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Pupunha	Rio Envira	UNI/CIMI	Prefeit.	1
	Nova Olinda	Feijó	Formosa	Rio Envira	UNI/CIMI	SEC/AC	1
	Nova Olinda	Feijó	Nova Olinda	Rio Envira	UNI/CIMI	-----	1
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Paredão	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
YAWANAWA	Rio Gregório	Tarauacá	João de Souza C.	Rio Gregório	CPI/AC	SEC/AC	1
	Rio Gregório	Tarauacá	Escondido	Rio Gregório	CPI/AC	CPI/AC	1
JAMINAWA	Cab. do Rio Acre	Assis Brasil	São Lourenço	Cab. do Acre	CPI/AC	SEC/AC	2
	Mamoadate	S. Madureira	Betel	Rio Iaco	CPI/AC	SEC/AC	1
	Ig. do Rio Preto	C. do Sul	Jaminawa	Ig. do Rio Preto	CIMI	-----	2
	Jaminawa Arara	Thaumaturgo	Jaminawa	Rio Bagé	CIMI	-----	1
POYANAWA	Barão	Mandio Lima	José Augustinho	Seringal Barão	CPI/AC	SEC/AC	2
	Barão	Mandio Lima	Romildo Magalhães	Seringal Ipiranga	Prefeit.	SEC/AC-Pref.	2
NUKINI	Nukini	Mandio Lima	Nukini	Rio Moa	Prefeit.	Prefeit./SEC	4
KATUKINA	Igarapé Campinas	C. do Sul	Katukina	BR 364	CPI/AC-CIMI	SEC/AC	1
	Rio Gregório	Tarauacá	Sete Estrelas	Rio Gregório	CPI/AC	CPI/AC	1
SHANENAWA	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Morada Nova	Rio Envira	FUNAI	SEC/AC	2
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Nova Vida	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
	Katukina/Kaxinawa	Feijó	Cardoso	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
	Arara do Ig. Humaitá	Porto Walter	Arara	Riozinho C. do Vale	CPI/AC-CIMI	SEC/AC-Pref.	2
SHAWANAWA	Arara do Ig. Humaitá	Porto Walter	Arara	Riozinho C. do Vale	CPI/AC-CIMI	SEC/AC	2
APURINA	Apuriná do Km 45	Rio Branco	Apuriná	BR 317 - Ac	CPI/AC	SEC/AC	2
ASHANINKA	Kampa do R. Amonea	Thaumaturgo	Samuel Pianko	Rio Amonea	CPI/AC	Prefeit.	1
	Kampa do Rio Envira	Feijó	Kampa	Rio Envira	CIMI	-----	1
	Kampa do Rio Envira	Feijó	Simpetia	Rio Envira	CIMI	-----	1
	Kampa do Rio Breu	Thaumaturgo	Kampa	Breu	CIMI	-----	1
MANCHINERI	Mamoadate	S. Madureira	Jatobá	Alto Iaco	CPI/AC	CPI/AC	1
	Mamoadate	S. Madureira	Sete Estrelas	Alto Iaco	CPI/AC	SEC-CPI/AC	2
	Mamoadate	S. Madureira	Lago Novo	Alto Iaco	CPI/AC	-----	1
KAXARARI	Kaxarari	Vila Extrema	Floresta Malha	Aldeia Marmelinho	CPI/AC	SEC/AC	1
KULINA	Kulina do Ig. do Pau	Feijó	Remanso do Ruluin	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
	Kulina do Ig. do Pau	Feijó	Bela Vista	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
	Kulina do Ig. do Pau	Feijó	Maronawa	Rio Envira	CIMI	SEC/AC	1
	Alto Purus	Manoel Urbano	Apui	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Manoel Urbano	Santa Julia	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Manoel Urbano	Santo Amaro	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Ipiranga	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Tucandeira	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	São Vicente	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Sobral	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	2
	Alto Purus	Santa Rosa	Maronawa	Rio Purus	CIMI/COMIN	SEC/AC	1
	Alto Purus	Santa Rosa	Canamari	Rio Purus	CIMI/COMIN	Prefeitura	1
Total de etnias	Total de Á.	Total municípios	Total de Escolas	-----	Total de ent.	-----	Total de Prof.
13	23	12	68	-----	5	-----	90

Os professores com vínculo institucional com a CPI/AC estão aguardando contratação definitiva pelas prefeituras

ou pela SEC/AC

Obs: Dados: Dezembro/95

--- CPI/AC
--- COMIN
--- CIMI



Nós Apurinã Estamos Nos Organizando Assim

De primeiro, nosso chefe não tinha saber para organizar nosso povo. Depois que começou a ter agente de saúde, professor e cantineiro, foi que começamos a juntar as nossas produções. Reunimos as três aldeias, sentamos e começamos a discutir para nos organizar melhor. Um mês depois, juntamos uma produção de 600 quilos de borracha e vendemos para um marreteiro. Trocamos essa produção por mercadorias. Foi assim que começamos a trabalhar unidos e a nos organizar.

Hoje, ninguém vende mais sujeito. Vendemos para quem nós queremos. Ficamos sabendo que a terra é nossa. O agente de saúde ajuda muito e o professor também. Depois que a nossa liderança teve mais conhecimento, melhorou a nossa organização. Ainda tem muita coisa que falta melhorar ainda mais para o povo Apurinã lá do Município de Pauini.

Antonio Olavo Eukutsy Apurinã

As Autoridades da Aldeia Nova Aliança

No rio Purus, a organização da aldeia Nova Aliança é assim. Nós temos liderança Manoel Sampaio, agente de saúde Abel Nascimento, professor Valdemar Pinheiro, professor José Paulo Sampaio, professor Evaristo Gomes da Silva, capataz Alberto Salomão, cantineiro Marciano Sampaio, capitão de jogos França Pinheiro, pastor da igreja Elias Lopes, técnico de plantios José Lopes e liderança das mulheres Maria Sampaio. Nós temos 10 pessoas que são as autoridades da aldeia Nova Aliança. Nós somos 38 famílias, 190 pessoas e 60 alunos.

No ano de 1995, a FUNAI demarcou a nossa Terra Indígena Alto Purus com 263.129 hectares. Hoje em dia tem 21 aldeias no rio Purus, entre Kaxinawá, Kulina e Jaminawa. Nós brigamos muito com a FUNAI para demarcar a nossa terra. Dentro das aldeias, já não tem mais brancos. Só tem índio mesmo. Nós fazemos festa da nossa cultura. Shenipabu. Katxanawa.

Valdemar Pinheiro Ibã Kaxinawã

As Lideranças do Povo Kaxinawá do Rio Humaitá

Hoje em dia existem três aldeias Kaxinawá no rio Humaitá: São Vicente, São Luis e Boa Vista. Na nossa terra indígena, estamos organizando os nossos trabalhos através de reuniões. Quando queremos fazer um trabalho na aldeia e achamos que é muita luta fazer com pouca gente, a liderança da aldeia participa para as outras lideranças das outras duas aldeias, convidando eles para levar as turmas deles. Assim, marcamos o dia para fazer o nosso trabalho.

Para resolver alguns problemas que acontecem, as 3 lideranças se reúnem junto com os professores, agentes de saúde e também com os chefes das outras famílias. Assim, combinamos para resolver qualquer problema que esteja acontecendo dentro da terra indígena.

Assim, estamos nos organizando nos dias de hoje. Antes não tinha essa combinação para se organizar, porque só tinha uma pessoa para organizar as três aldeias.

Valdemir Mateus Shane Kaxinawã

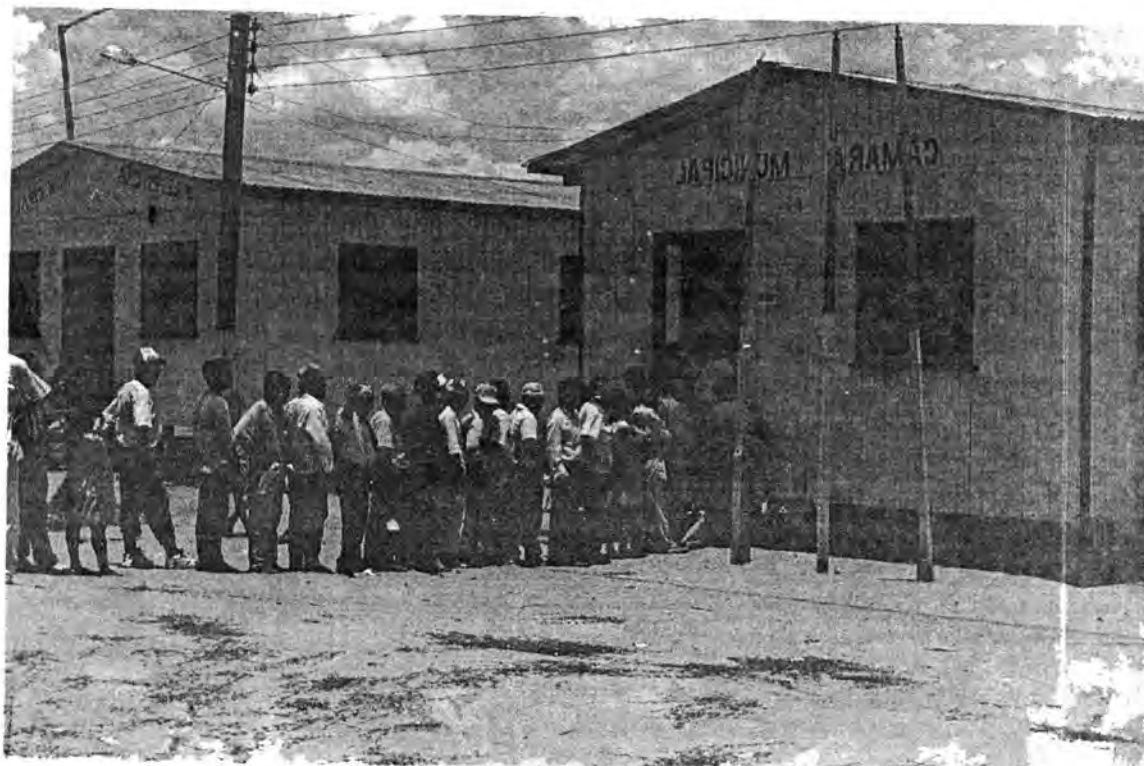
As Eleições de 1996

Em outubro de 1996, aconteceram as eleições onde até agora teve o maior número de índios candidatos no Estado do Acre. Houve 14 candidatos a vereador em diferentes municípios e 1 candidato a prefeito no Município de Jordão. Foram eleitos 5 vereadores no nosso estado: 3 Kaxinawá em Santa Rosa, 1 Kaxinawá no Jordão e 1 Arara em Porto Valter. No Brasil, foram eleitos em 9 estados um total de 46 índios (2 prefeitos, 4 vice-prefeitos e 40 vereadores).

Esses parentes iniciam agora uma nova caminhada em busca da conquista do espaço indígena nos poderes locais, começando pelo seus próprios municípios. É bom lembrar o quanto é importante os nossos parentes votarem em suas próprias lideranças e representantes, dando-lhes uma oportunidade para conhecer como funciona a organização dos brancos e do Brasil, para melhor poder defender os interesses dos índios.

A todos companheiros eleitos, desejamos um bom trabalho e que, dessa experiência nova, possam tirar bons proveitos para servir seus respectivos povos. Aos nossos amigos que não conseguiram se eleger, que essa rápida experiência também possa ser pensada e bem trabalhada para render frutos no futuro.

Joaquim Luiz Tashkã Peshaho Yawanawá



Índios nas eleições de 4 de outubro de 1996 -Município de Santa Rosa do Purus
- Foto Marcelo Urquia

ÍNDIOS ELEITOS NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 199 - BRASIL

Nome	Cargo/Partido	Cidade/Estado	Povo
1) João Neves da Silva	Prefeito/PSB	Oiapoque/AP	G. Maruorno
2) Moisés Potiguara	Prefeito/PPB	Baia da Traição/PE	Piratapuya
3) Thiago M. Cardoso	Vice-Prefeito/PSDB	São Gabriel/AM	Piratapuya
4) Orlando Justino	Vice-Prefeito	Normandia/RR	Macuxi
5) Maria Luiza	Vice-Prefeita	Pacaraima/RR	Macuxi
6) Manuel Oliveira	Vice-Prefeito/PSDB	S. José dos Mimões/MG	Xakribá
7) Lauro Barbosa	Vereador	Uiramutã/RR	Macuxi
8) Nelino Galé	Vereador/PT	Normandia/RR	Macuxi
9) José Franco Miguel	Vereador	Normandia/RR	Macuxi
10) Moisés Trajano Ramos	Vereador/PTB	Normandia/RR	Wapixana
11) Jonas Marcolino	Vereador	Pacaraima/RR	Macuxi
12) Antonio Pereira	Vereador/PSB	Pesqueira/PE	Xucuru
13) Luciene Kambiwá	Vereador/PV	Ibimirim/PE	Kambiwá
14) Domingos Bororo	Vereador/PMDB	General Carneiro/MT	Bororo
15) Batista de Oliveira	Vereador/PMDB	Benjamim Constant/RS	Kaingang
16) Flaviano de Oliveira	Vereador/PMDB	/RS	Kaingang
17) Erponi Lopes	Vereador/PTB	G. dos Lourenços/RS	Kaingang
18) José Gomes de Oliveira	Vereador/PDT	S.J. das Missões/MG	Xakriabá
19) Valdemar X. dos Santos	Vereador/PSDB	S.J. das Missões/MG	Xakriabá
20) Miguel da Silva	Vereador/PL	Carmezia/MG	Pataxó
21) Coaraci Maciel Gabriel	Vereador/PSB	Oiapoque/AP	G. Maruorno
22) Ramos dos Santos	Vereador/PSB	Oiapoque/AP	Karipuna
23) Ofir Miambo	Vereador/PST	Benjamim Constant/AM	Ticuna
24) Valemir Mendes	Vereador	Tabatinga/AM	Ticuna
25) Darcy Muratu	Vereador	Tabatinga/AM	Ticuna
26) Romualdo	Vereador	Tabatinga/AM	Ticuna
27) Flávio Carvalho	Vereador/PT	S. Gabriel/AM	Dessano
28) Alberto Barbosa	Vereador/PFL	S. Gabriel/AM	Tariano
29) Quintino Marques	Vereador	S. Paulo de Olivença/AM	Ticuna
30) Ismael	Vereador	S. Paulo de Olivença/AM	Ticuna
31) Oziel Carmelino Bibiano	Vereador	S. Paulo de Olivença/AM	Ticuna
32) Paulino	Vereador	S. Paulo de Olivença/AM	Ticuna
33) Adair Faustino Marvieiro	Vereador	Amaturá/AM	Ticuna
34) Saturnino da Silva	Vereador/PMDB	S. Antonio do Içá/AM	Ticuna
35) Miguel Eleotério	Vereador/PFL	S. Antonio do Içá/AM	Ticuna
36) Eli	Vereador/PPB	S. Antonio do Içá/AM	Ticuna
37) Evaristo	Vereador/PPB	Amaturá/AM	Ticuna
38) Mecias Batista	Vereador/PPB	Barreirinha/AM	Sateré-Mawé
39) Cecilio Moura	Vereador	Autazes/AM	Mura
40) Hans Kabá	Vereador	Placelango/PA	Munduruku
41) Roberto Kixi	Vereador	Placelango/PA	Munduruku
42) Noberto Sales	Vereador/PV	Jordão/AC	Kaxinawá
43) Denis Augusto	Vereador/PFL	Santa Rosa do Purus/AC	Kaxinawá
44) Francisco Pancho	Vereador/PFL	Santa Rosa do Purus/AC	Kaxinawá
45) Américo Kaxinawá	Vereador/PFL	Santa Rosa do Purus/AC	Kaxinawá
46) José Nogueira da Cruz	Vereador/PMDB	Porto Walter/AC	Arara

Quadro: Conselho de Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - CAPOIB



ATIVIDADES

Para pesquisar e responder no caderno:

- 1- Quantas pessoas vivem hoje na sua Terra Indígena?
- 2- Quantas famílias moram na sua aldeia?
- 3- Quantas pessoas moram na sua aldeia?
- 4- Quantos funcionários da floresta existem atualmente na sua comunidade?
- 5- Qual é o trabalho da liderança de sua aldeia?
- 6- Faça uma comparação entre o chefe de antigamente e a liderança de hoje na organização dos trabalhos da comunidade.
- 7- Que entidades e instituições de governo trabalham atualmente na sua aldeia?
- 8- Que projetos estão trabalhando junto com a comunidade?
- 9- Que opinião você tem sobre o trabalho que estas entidades e instituições realizam?
- 10- Como estes trabalhos podiam ser melhorados?
- 11- Quais são os principais problemas que seu povo enfrenta hoje?
- 12- Como a própria comunidade pode resolver estes problemas?
- 13- Faça um mapa da organização da sua aldeia (rio, casas das famílias, escola, posto de saúde, roçados, estradas, piques de caça, etc)



VI - HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A História na Escola e na Aldeia

O trabalho da história na escola e na aldeia pode se dividir em várias partes, dependendo também do melhor jeito de cada professor trabalhar. A história também varia para cada nação indígena, porque cada povo tem sua história diferente dos outros povos. Por isso, o trabalho com história em cada aldeia vai ser diferente.

Geraldo Aitwa Apurinã

A Comunidade e a História

O importante do trabalho da história na escola e na aldeia é ser reconhecida pelos mais velhos, pelos chefes das famílias, pelos mais novos e pelas crianças. É para todos saberem a importância que a história tem para nosso povo da aldeia.

Quando eu chegar na minha aldeia, vou fazer uma reunião com os povos da minha comunidade e vou conversar com eles, explicando que agora eu vou trabalhar na parte de história na escola junto com os alunos. Vou pedir para cada velho que sabe contar alguma história para nos ajudar a estudar diferentes acontecimentos da vida de nosso povo. Pode também lembrar nossas músicas, nossas danças, nossas festas e nossas medicinas.

Na escola, vou explicar para os alunos como é o estudo da história. Tem várias atividades para estudar e trabalhar com a história. Pode perguntar para os alunos se alguns deles já sabem histórias. Pode orientar para, na boca da noite, pedir para o pai, mãe, o avô ou a avó contar uma história para ele ouvir antes de dormir. No outro dia, o aluno vai para a escola e já tem alguma história decorada na própria cabeça. O professor pode pedir para o aluno contar a história que ele aprendeu para os seus colegas ouvirem. Dessa maneira, o professor vai incentivando os alunos dele.

Dentro da sala de aula, o professor pode fazer teatro com os alunos. Com aqueles mais sabidos, o professor pode mandar eles escrever um texto e pedir para eles ler os textos de seus colegas. Depois pode pedir para o aluno desenhar sobre o texto que escreveu ou sobre um texto que gostou do colega.

Na aldeia, o professor deve procurar conversar com os mais velhos da comunidade, perguntar se eles sabem algumas histórias de antigamente, de como era a vida nesses tempos antigos, se era melhor ou se era pior. É muito importante fazer pesquisa com os mais velhos que sabem muitas das histórias de antigamente, do tempo das malocas. Diz que tinha pássaros que adivinhavam coisas que iam acontecer. Essa é umas das ciências do nosso povo de antigamente. Será que ainda existe, ou não? Essas coisas da nossa cultura, a gente não pode se esquecer, deixar perder.

Para os nossos pais, podemos perguntar como foi a vida deles, como eles vêm trabalhando desde que eram meninos até os dias de hoje. Como passaram no cativeiro dos patrões seringalistas e como começaram a lutar pelos direitos dos índios de ter uma terra para morar libertos.

Depois de conversar com os mais velhos, o professor pode convidar eles para ir na escola dar aula para as crianças. Fazendo esse tipo de trabalho junto com os alunos e os velhos, o professor vai incentivar mais os seus alunos. Assim, eles podem entender o que é o estudo da história, de antigamente até os dias de hoje.

Valdir Ferreira Tui Kaxinawa

A História na Sala de Aula

Para trabalhar com a história na sala de aula da minha escola, eu tenho que descobrir atividades para fazer meus alunos entender o que é história.

1) Primeiro, o professor tem pequenas histórias sobre diferentes acontecimentos da aldeia.

2) Também o aluno pode contar um pedaço de história de caçada, um dia que tiver andado com seu pai. Os outros podem escrever ou desenhar sobre essa história. Se o aluno não sabe, o professor pode ajudar.

3) Cada dia de aula de história pode trabalhar com histórias diferentes de cada aluno. O aluno conta e o professor escreve no quadro. Os alunos podem copiar no caderno para guardar o que o outro aluno contou. Podem escrever no caderno e desenhar cada história.

4) O professor pergunta se achou bonito. Por quê?

5) Depois que o aluno está entendendo mais ou menos, o professor pode trazer uma pessoa mais velha na escola para ela contar uma história mais longa e mais antiga. O velho vai então contar histórias para os alunos. Nessa hora, o professor também tem que ser aluno do velho. Deve fazer mais perguntas ao velho para que as crianças entendam qual foi o assunto mais importante daquela história. Em outra aula, o professor pode perguntar cada aluno se dá para contar para os seus colegas pelo menos parte do que escutou o velho contando. Eles podem discutir sobre isso, como entenderam. O professor pode ser observador da classe. Assim, os alunos vão se alfabetizando.

Os alunos que são alfabetizados, como da 2ª e 3ª séries, podem estudar sobre as histórias que ele ouviu junto com o professor. Ele pode pesquisar com o velho. O aluno pode ser o escritor. Um exemplo: Conta história à noite e, na hora da aula, comenta sobre essa história. O aluno escreve a opinião dele e o professor faz outro texto dele. Depois faz a correção junto com o aluno, para ajudar ele a melhorar a escrita. Pode dividir o grupo em duas partes. Manda os meninos de um grupo escrever texto e os meninos do outro grupo desenhar.

O professor sempre pode inventar outra atividade no seu plano de aula para aplicar na próxima aula.

Manoel Sabóia Kaxinawá

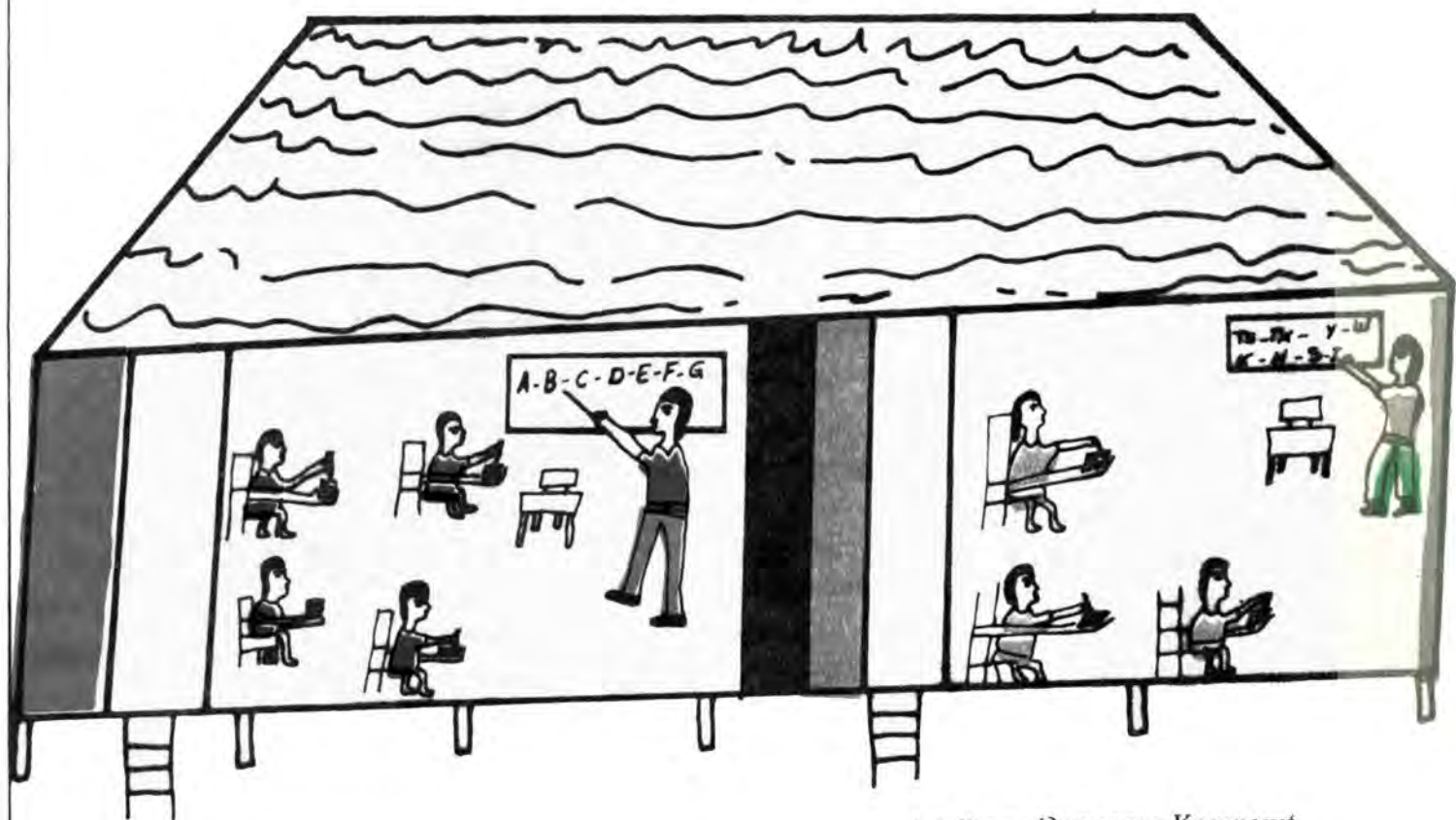


As Pesquisas do Professor e dos Alunos

Em casa, cada criança aprende partes da história da sua família e de seu povo. Essa história é contada pelos seus pais e pelos seus parentes. A escola também é um lugar importante para aprender e zelar a história. Na escola os alunos podem conseguir mais conhecimento sobre essa história. Por isso, o trabalho do professor é importante. Para conhecer melhor a história do seu povo e ensinar na escola, o professor vai ter que conversar e pesquisar com as pessoas, com os mais velhos, com as lideranças, com os chefes das famílias antigas. Cada uma dessas pessoas conhece uma parte importante da história do seu povo. O professor vai escrever e desenhar essas histórias no Caderno de História. Assim vai fazendo o estudo dele mesmo, que vai servir também para planejar o trabalho e as aulas na escola.

Joaquim Paulo Muni Kaxinawá

Escola Indígena Bilingue



Adalberto Domingos Kaxinawá

ATIVIDADES

Para responder no caderno:

- 1- Por que é importante ter uma escola indígena na sua aldeia?
- 2- Você acha importante o trabalho do professor na sua aldeia? Por que?
- 3- No seu pensamento, como o professor pode realizar o trabalho de História na escola?
- 4- E como pode ser feito o trabalho de pesquisa junto aos mais velhos da comunidade?
- 5- Como você pode ajudar neste trabalho?
- 6- Dê a sua opinião se esse livro pode animar os alunos para estudar a história do seu povo?



© Comissão Pró-Índio do Acre, CPI/AC, 1996
Rua Pernambuco, 964 - Bosque
CEP: 69.907-580 - Rio Branco - Acre - Brasil
Fone/Fax: (068) 224-1426 e 224-0857
E-Mail: cpi@mdnet.com.br

Direitos Autorais:

Setor de Educação-CPI/AC e Professores Indígenas

Joaquim Paulo Maná Kaxinawá
Francisco Dário Makari Kaxinawá
Francisco Leonor Prado Dasú Kaxinawá
Anastácio Maia Banê Kaxinawá
Noberto Sales Tene Kaxinawá
José Mateus Itsairu Kaxinawá
Isaias Sales Ibã Kaxinawá
Edson Medeiros Ixã Kaxinawá
Adalberto Domingos Maru Kaxinawá
Josimar Samuel Tui Kaxinawá
Manoel Sabóia Ame Kaxinawá
Assis Gomes Mashã Kaxinawá
Paulo Machico Siã Kaxinawá
Raimundo Nonato Maná Kaxinawá
Valdir Ferreira Tui Kaxinawá
Valdemar Pinheiro Ibã Kaxinawá
Nicolau Lopes Maná Kaxinawá
Valdemir Mateus Shanê Kaxinawá

Geraldo Aiwa Apurinã
Antonio Olavo Eukutsy Apurinã
Jorge Avelino Apurinã
Hélio Luis Apurinã
Jaime Llullu Manchineri
Genésio Gondim Walekxo Manchineri
Antonio Geronimo Ksajiru Manchineri
Francisco Luiz Panahai Yawanawá
Fernando Luiz Katayuve Yawanawá
Julio Raimundo Isudawa Jaminawa
Francisco Xavier Xima Jaminawa
Edson Meirelles Kaparuá Jaminawa
Edilson Lima Yskuhu Shawādawa
Antonio Pereira Eutxishane Shawādawa
Miguel Alves Costa Ruwê Kaxarari
Benjamim Chere Katukina
Evaldo Carlos Mainawa Katukina
Isaac Pianko Toto Asheninka

Levantamento e Organização de Textos:

Marcelo Piedrafita Iglesias e Maria Luiza P. Ochoa

Desenho da Capa:

Arlindo Maia Nixiwaká Kaxinawá

Desenho da Contracapa:

Josimar Samuel Tui Kaxinawá

Diagramação:

Maria Luiza P. Ochoa e Joaquim Luiz Tashkã Peshaho Yawanawá

Digitação:

Marcelo Piedrafita Iglesias, Joaquim Tashkã Peshaho Yawanawá e Maria Luiza P. Ochoa

Assessoria Pedagógica:

Nietta Lindenberg Monte

Transcrição gráfica:

Altina Ferreira

Impressão:

Jânio Ferreira

Gráfica Kenê Hiwe - CPI/AC

Apoio: Norwegian Rainforest Foundation - NRF

Projeto Aquiri - UNICEF

Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE

